



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS LÍNGUA PORTUGUESA

CARLOS ANDRÉ SILVA DOS SANTOS

**“NO MUNDO DOS AFETOS” E OS (IN)VISÍVEIS: por uma análise *queer* de um
manual didático de Língua Portuguesa**

SÃO BERNARDO – MA
2025

CARLOS ANDRÉ SILVA DOS SANTOS

“NO MUNDO DOS AFETOS” E OS (IN)VISÍVEIS: por uma análise *queer* de um manual didático de Língua Portuguesa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo, como requisito para a obtenção do título de Graduação em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva dos Santos, Carlos André.

"NO MUNDO DOS AFETOS" E OS INVISÍVEIS: : por uma
análise queer de um manual didático de Língua Portuguesa /
Carlos André Silva dos Santos. - 2025.

87 f.

Orientador(a): Thiago de Sousa Amorim.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos
- Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São
Bernardo/ma,, 2025.

1. Linguística Queer. 2. Enunciação. 3.
Estranhamento. 4. Ensino de Língua Portuguesa. 5. Livro
Didático. I. de Sousa Amorim, Thiago. II. Título.

CARLOS ANDRÉ SILVA DOS SANTOS

“NO MUNDO DOS AFETOS” E OS (IN)VISÍVEIS: por uma análise *queer* de um manual didático de Língua Portuguesa

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo, como requisito para a obtenção do título de Graduação em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim.

Aprovada em: 04 / agosto / 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Profa. Dra. Amanda Gomes Pereira (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Esp. Moises Garcês Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Dedico esta monografia à minha mãe, Joana, à
minha irmã, Reginalva, e ao meu amado
sobrinho, Eliezio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela oração ouvida, pela resiliência, sabedoria e discernimento no desenvolvimento desta pesquisa monográfica, e principalmente, por sempre me possibilitar motivos para seguir em frente e nunca desistir.

Agradeço incondicionalmente à minha família, nas pessoas de minha mãe, Joana, que sempre foi e é colo quando preciso, pelos inúmeros conselhos e incentivo para chegar aqui, por sempre querer o melhor para mim como pessoa e profissional da área que escolhi. Sempre diz para mim “Filho, você consegue”, uma frase que levo para a vida.

À minha querida e amada irmã, Reginalva, que sempre está na primeira fileira da plateia de minha vida, me apoiando, me incentivando e acreditando em mim, mesmo quando eu duvido do meu potencial. Aquela que é escuta, é fala, é consolo, é proteção, é abrigo, é meu maior exemplo como profissional.

Agradeço ao grande amor da minha vida, meu sobrinho Eliezio, cuja chegada me curou de tantas formas. Sua existência, seu abraço e seu sorriso se tornaram o combustível final para a conclusão deste ciclo e para a superação de muitos obstáculos. Para sempre seu tio Dedê.

Agradeço aos meus amigos, Jacyane, Felipe, Rayanara e outros, por tornarem esta jornada mais leve, pelas diversas conversas aleatórias, pelos sorrisos espontâneos, pelos sonhos compartilhados. Por serem também incentivadores na busca de nossos objetivos.

Agradeço também aos meus professores da UFMA, em especial ao meu orientador, Prof. Thiago Amorim, pela paciência e condução da construção deste trabalho. Pelo acolhimento no aceite de me orientar, pelo ensino humanizado e incentivo constante por meio da frase: “Carlos, vai dar certo!”, quando eu estava pessimista.

Para finalizar, agradeço a todos que contribuíram de maneira direta e indireta na jornada desse curso.

A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.” (Nelson Mandela, 1994).

RESUMO

Nos últimos anos, percebeu-se um crescimento nos índices de preconceito e violência contra pessoas LGBTQIAPN+ por se oporem aos padrões normativos, já que se vive em uma sociedade marcada pelo conservadorismo identitário que regulamenta as maneiras de viver o gênero e a sexualidade e, conseqüentemente, tende também a apagar ou silenciar quem está fora dessa norma. Nesse sentido, é necessário um ensino que busque reconhecer e acolher outras formas de identidades humanas que não se enquadram ou não se encaixam no padrão esperado pela cultura heteronormativa. A diversidade de gênero e sexualidade existe e precisa ser respeitada na escola, visto que ela exerce um papel fundamental na formação de sujeitos éticos para o convívio social. A partir disso, o presente estudo tem como objetivo: investigar o tratamento dado às questões de gênero e sexualidade no manual didático da 3ª ano do Ensino Médio, *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos*, de Campos *et al.* (2020), à luz da Linguística *Queer*. Esta investigação científica é feita por meio de uma perspectiva indisciplinar, a qual tem como fundamentação teórica, Borba (2015), Teixeira (2021), Louro (1997; 2000; 2001); Butler (2003); Santos Filho (2020), Lau e Borba (2019) e entre outros que se fizeram necessários. Trata-se, desde um ponto de vista metodológico, de uma pesquisa bibliográfica e documental, cujos procedimentos técnicos de análise constituem-se em uma leitura enunciativo-discursiva na perspectiva *queer* dos conteúdos e propostas didáticas do livro em apreço, usado na rede estadual de ensino do Maranhão. Os resultados do estudo revelaram que as identidades subversivas são silenciadas e apagadas no referido manual didático de Língua Portuguesa. Diante disso, conclui-se que linguagem é uma prática social, e, a partir dela, é possível se construir um projeto performativo com finalidade educativa em Língua Portuguesa que promova a inclusão de diversas performances identitárias.

Palavras-chave: Linguística *Queer*; enunciação; estranhamento; ensino de Língua Portuguesa; livro didático.

RESUMEN

En los últimos años, se ha observado un aumento de los índices de prejuicios y violencia contra las personas LGBTQIAPN+ por oponerse a los estándares normativos, ya que se vive en una sociedad marcada por un conservadurismo identitario que regula la experiencia de género y sexualidad y, en consecuencia, tiende a silenciar a quienes se salen de esta norma. En ese sentido, se necesita una educación que busque reconocer y aceptar otras formas de identidad humana que no se ajustan al estándar esperado por la cultura heteronormativa. La diversidad de género y sexualidad existe y debe ser respetada en la escuela, ya que ella desempeña un papel fundamental en la formación de individuos éticos para la interacción social. A partir de ello, este estudio busca investigar el tratamiento de las cuestiones de género y sexualidad en el libro didáctico del 3º grado de la secundaria, *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos*, de Campos *et al.* (2020), a la luz de la Lingüística *Queer*. Esta investigación científica se lleva a cabo desde una perspectiva indisciplinar, con base en fundamentos teóricos como Borba (2015), Teixeira (2021), Louro (1997; 2000; 2001); Butler (2003); Santos Filho (2020), Lau y Borba (2019), y otros que se consideraron necesarios. Desde un punto de vista metodológico, se trata de una investigación bibliográfica y documental, cuyos procedimientos técnicos de análisis constituyen una lectura enunciativo-discursiva en una perspectiva *queer* de los contenidos y las propuestas didácticas del libro en cuestión, utilizado en el sistema educativo estatal de Maranhão. Los resultados del estudio revelaron que las identidades subversivas son silenciadas y borradas en el mencionado libro de texto de lengua portuguesa. Por lo tanto, se concluye que la lengua es una práctica social y, a partir de ella, es posible construir un proyecto performativo con propósito educativo en Lengua Portuguesa que promueva la inclusión de diversas performances identitarias.

Palabras claves: Lingüística *Queer*; enunciación; extrañeza; enseñanza de Lengua Portuguesa; libro didáctico.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2 DESVENDANDO A LINGUÍSTICA <i>QUEER</i>: estudo sobre linguagem, gênero e sexualidade	19
2.1 A Linguística <i>Queer</i> como campo de atuação	19
2.2 Conceitos e perspectivas em Linguística <i>Queer</i>	24
3 DESCORTINANDO O GÊNERO E A SEXUALIDADE EM CONTEXTO EDUCACIONAL: por um letramento <i>queer</i>	30
3.1 Questões de gênero e sexualidade no chão da escola.....	30
3.2 Gênero e Sexualidade no Ensino de Língua Portuguesa	38
4 DESCREVENDO O PERCURSO METODOLÓGICO	44
4.1 Contexto da pesquisa.....	44
4.2 Constituição e delimitação do <i>corpus</i>	45
4.3 Procedimentos de geração e análise de dados	48
5 CONCEBENDO O GÊNERO E A SEXUALIDADE MEDIANTE PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	50
5.1 O livro didático em apreço.....	50
5.2 Entre afetos e silêncios: a transversalidade versus (in)visibilidade da temática de gênero e sexualidade no livro didático	56
5.3 Discussão dos resultados	76
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS.....	82

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Partindo da epígrafe que abre este trabalho, é possível reconhecer o papel transformador da educação, o principal caminho pelo qual se (re)educa o olhar do outro sobre diferentes assuntos e pautas sociais que estão presentes em nosso meio. É um percurso que garante descobertas e mudanças que nos atravessam constantemente, e que na maioria das vezes, não irá agradar a todos, mas certamente abrirá portas para novos conhecimentos, pensamentos, indagações, questionamentos e, assim, construir uma sociedade mais humana, justa, inclusiva, capaz de moldar uma realidade que abrace a todos, independentemente de suas diferenças.

Sempre buscamos soluções para muitos problemas, e essas soluções vem geralmente acompanhadas de um convite de mudança e para falar a verdade, mudar não é fácil, exige coragem, provoca desconforto, afronta, e sobretudo, disposição para evoluir e abrir mão de antigos pensamentos pendurados através do tempo, pois nada permanece imutável por muito tempo, tudo se desconstrói e ganha um novo sentido, uma nova significação.

Em diálogo com essa visão de mudança por meio da educação, a presente pesquisa abraça um assunto necessário, importante e polêmico nos dias de hoje, que nos afeta e nos atravessa de modo singular: “Gênero e sexualidade no ensino de Língua Portuguesa por meio do livro didático”. Trata-se, desse modo, de um debate sensível, caro e urgente, especialmente no contexto educacional, uma vez que a escola é o espaço onde se acontece a formação e o desenvolvimento pessoal, social, emocional, intelectual e interacional dos sujeitos. Embora a educação, por si só, não transforme a sociedade, ela exerce papel fundamental ao atravessar vidas por meio das múltiplas lições ensinadas dentro e fora da sala de aula, sendo reforçada e reafirmada em todas as situações de nossa vida.

A educação, nesse sentido, constitui um chamado diário para transformações sociais que, ainda que possam começar por gestos simples, como, um “bom dia” ou um simples aperto de mão, precisam ser construídas coletivamente para que sejam justas e democráticas. Toda área do conhecimento, ao ser consolidada, enfrenta tensões e resistências. Com as discussões sobre gênero e sexualidade no ensino de língua, não seria diferente, pois, para algo ser visto, é necessário que cause impacto, desconforto, e que abra caminhos para novas possibilidades de saberes e práticas.

Seria mais simples aderir a abordagens alinhadas a um ensino tradicional e disciplinar, sobretudo em uma sociedade marcada pelo conservadorismo, cujos discursos muitas vezes rejeitam aquilo que rompe com suas diretrizes normativas. O novo e o desconhecido tendem a

assustar estruturas consideradas imutáveis. No entanto, o que é tido como imutável não perdura para sempre e, frequentemente, aquilo que era negligenciado ganha força e visibilidade.

É muito fácil aderir a conteúdos sobre corpos normativos em livros didáticos e outros materiais, mas porque deve ser difícil incluir nessas discussões identidades subversivas? Não seriam corpos humanos como os outros? Não seriam também histórias carregadas de superação? Não seriam também pessoas ou grupos que lutam pelos seus direitos? Não seriam, sobretudo, vozes que buscam por respeito, amor, acolhimento e um sentimento de pertencimento a todo e qualquer lugar que desejam estar ou ocupar? A partir disso, que possamos refletir e estar abertos para as inúmeras alterações que nos acompanham mediante as novas necessidades e debates sociais.

Nas últimas décadas, um número significativo de pesquisas tem se debruçado sobre as formas como as questões de gênero e sexualidade são tratadas, evidenciando novas performances identitárias que extrapolam os limites da heterossexualidade, historicamente concebida como a única sexualidade legítima e desejável. Vivemos em uma sociedade heteronormativa que constantemente nega e exclui o outro, especialmente quando este questiona e se opõe às normas vigentes de vivência do gênero e da sexualidade.

Dessa forma, discutir gênero e sexualidade no contexto educacional é um desafio que exige enfrentamento de estruturas tradicionais e discursos cristalizados. Ainda assim, é urgente repensar a organização social que marginaliza sujeitos e corpos dissidentes. A heterossexualidade, portanto, já não pode mais ser pensada como a única forma legítima de existência identitária.

Destarte, o título deste trabalho dialoga diretamente com o nome do manual didático analisado: *Multiverso: linguagens: no mundo dos afetos*, ao destacar as tensões entre o que se apresenta como afeto e o que permanece (in)visível nas propostas educativas. Ao propor uma análise *queer*, buscamos interrogar quais afetos são legitimados nesse “mundo” e quais sujeitos ainda são silenciados ou marginalizados, evidenciando como o discurso pode, ao mesmo tempo, incluir e excluir corpos dissidentes no espaço escolar.

Vários estudos, sobretudo os realizados sob a perspectiva da Linguística *Queer*, têm se debruçado sobre essa temática. Essa vertente teórica investiga as interseções entre linguagem, gênero e sexualidade, fornecendo o aporte necessário para o desenvolvimento desta pesquisa. Além disso, é importante frisar, que ao abordamos esse tema em nosso trabalho, seguimos, principalmente, os pressupostos de autores, como, Guacira Lopes Louro (1997, 2001), Judith Butler (2003), Teresa de Lauretis (1994), ao tratarem os aspectos de gênero e sexualidade não como características fixas do ser humano, mas como construções sociais e discursivas forjadas

em nossa sociedade, seguindo assim, sua visão ideológica de gênero e sexualidade. Sendo assim, tomamos como objeto de análise o tratamento das questões de gênero e sexualidade no ensino de Língua Portuguesa, a partir da análise do manual didático do 3º ano do Ensino Médio, *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos*, de Campos *et al.* (2020), à luz dos pressupostos da Linguística *Queer*.

É preciso compreender que tudo está em constante transformação e adaptação às dinâmicas sociais. O ato de assumir uma identidade implica abrir caminhos para novas formas de vivência em sociedade. A partir de experiências nos estágios supervisionados realizados na Educação Básica, identificamos a ausência de debate e diálogo sobre gênero e sexualidade nas aulas de Língua Portuguesa, como se tais temas não fossem pertinentes ao contexto escolar contemporâneo. A invisibilização dessa temática contribui para a manutenção de um sistema educacional excludente, que reitera a heterossexualidade como norma, ao não preparar os estudantes para lidar com a diversidade identitária.

Ademais, é importante ressaltar que performances identitárias subversivas, infelizmente, são alvos de violência verbal e física em ambientes escolares. Segundo a *Revista Cenarium*¹ (2025), 9 em cada 10 estudantes LGBTQIAPN+ sofrem uma realidade triste que acompanha nosso meio social. A investigação apontou que a escola ainda se configura como um espaço de pouca ou nenhuma segurança para diversos grupos de estudantes. Entre os mais afetados estão pessoas trans (67%), meninos que não correspondem aos padrões tradicionais de masculinidade (59%), estudantes gays, lésbicas, bissexuais ou assexuais (49%), meninas que não seguem os modelos convencionais de feminilidade (40%). Essa é uma realidade preocupante, que merece atenção e um olhar mais humanizado sobre esses corpos vulneráveis.

Embora o debate acerca de gênero e sexualidade cause tensão discursiva nas diferentes esferas sociais e afronta contra o sistema heteronormativo, é uma discussão necessária e urgente nos dias de hoje. Diante disso, particularizamos o questionamento norteador de nossa pesquisa:

- a) Qual o tratamento dado às questões de gênero e sexualidade no manual didático do 3º ano do Ensino Médio, *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos*, de Campos *et al.* (2020), à luz da Linguística *Queer*?

A partir desse questionamento, delineamos questões auxiliares que nos ajudaram a refletir criticamente sobre gênero e sexualidade no contexto de ensino de Língua Portuguesa, por intermédio do livro didático:

¹ Disponível em: <https://revistacenarium.com.br/violencia-verbal-atinge-9-em-cada-10-estudantes-lgbtqiapn-nas-escolas/>. Acesso em: 24 jul. 2025.

- a) Como se dá a construção de performances identitárias veiculadas em contextos educacionais de ensino de língua portuguesa, por meio do manual didático em análise?
- b) O manual apresenta uma abordagem indisciplinar e de “estranhamento” em relação às performances identitárias de gênero e sexualidade ou nele ainda prevalece um discurso cis-heteronormativo, hegemônico?
- c) Quais são os tipos de orientações dadas no manual do professor para o trabalho com atividades que envolvam temáticas sobre gênero e sexualidade?

Em virtude da problematização que construímos na seção anterior, apresentamos as hipóteses da pesquisa, as quais serão confirmadas ou não com os resultados da nossa investigação. Eis a hipótese geral:

- a) A abordagem dada às questões de gênero e sexualidade ainda hoje, infelizmente, privilegia em sua maioria performances corporais e identitárias pautadas no sistema heteronormativo, suprimindo outras possibilidades e maneiras de viver o gênero e sexualidade. Essa é a abordagem que supomos estar presente no manual didático em apreço.

Com base nisso, apresentamos os desdobramentos da pesquisa por meio de outras hipóteses que se particularizam:

- a) As performances identitárias atreladas à diversidade ainda se veiculam de forma muita tímida ou na implicitude em algumas atividades de interpretação e produção textual, pelo fato da temática de gênero e sexualidade ainda constituir-se em um “tabu”, no ambiente escolar.
- b) Deduzimos que o livro didático talvez apresente uma abordagem disciplinar de performances identitárias que contemple a heterossexualidade, prevalecendo, assim, discursos hegemônicos que repudiam (ou deixam de fora) outras identidades de gênero e sexualidade.
- c) Acreditamos que o manual do professor ainda sugere orientações fechadas ao diálogo referente à diversidade de gênero e sexualidade, de forma a não viabilizar uma postura *queer* na construção de novos saberes e na condução de uma educação mais justa, igualitária e tolerante.

O interesse por pesquisar sobre gênero e sexualidade no âmbito educacional surge a partir de inquietações pessoais despertadas durante o meu contato com a disciplina “Educação Linguística e Ensino”, ministrada no quinto período do curso de Linguagens e Códigos – Língua

Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo (UFMA, CCSB), pela professora Dra. Theciana Silveira.

Em suas aulas, a docente buscava contextualizar o ensino, propondo reflexões sobre o contexto social dos/as alunos/as: de onde vinham, quais suas expectativas em relação ao ambiente escolar e que experiências traziam consigo para a sala de aula. A partir dessas discussões sobre experiências de vida, passei a refletir sobre minha própria sexualidade e como ela influencia minha formação docente, especialmente nos estágios supervisionados e na construção da minha identidade como futuro professor de Língua Portuguesa. Compreendi, então, que falar sobre gênero e sexualidade continua sendo, ainda hoje, um tema polêmico e sensível, mas que faz parte da realidade social e está presente em diversos espaços de convivência.

Nos últimos anos, são notórios os avanços científicos em pesquisas que problematizam as noções de gênero e sexualidade, promovendo uma nova postura social — neste caso, uma postura *queer* — frente à diversidade de performances identitárias. Nesse contexto, esta pesquisa se justifica por sua relevância ao propor um olhar crítico e reflexivo acerca do tratamento dado às questões de gênero e sexualidade no ensino de Língua Portuguesa, especialmente no cenário educacional atual. A partir disso, torna-se essencial refletirmos sobre qual conduta, enquanto professores de língua, adotaremos nos espaços formativos: uma postura essencialista e excludente; ou uma perspectiva acolhedora, que respeita a diversidade e reconhece a importância dos estudos em Linguística *Queer* no ambiente acadêmico.

Esta investigação possui significativa relevância acadêmica, pois contribui para os estudos linguísticos, ao evidenciar o papel da linguagem na desconstrução de conceitos historicamente enraizados. A partir de uma abordagem *queer*, buscamos abrir novos espaços semântico-pragmáticos que “queerificam” os estudos em linguagem, ao reconhecer possibilidades diversas de vivenciar gênero e sexualidade. Com isso, fomos convidados/as a analisar criticamente os livros didáticos utilizados nas escolas contemporâneas.

Ademais, a pesquisa apresenta relevância social, ao fomentar a construção de novas práticas sociais e discursivas voltadas para a valorização das minorias. Trata-se de uma urgência diante do cenário atual, em que se busca combater atos de violência, sejam verbais ou físicos, contra a população LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Pessoas Não Binárias e outras identidades), reeducando o olhar social e promovendo o respeito à diferença. Desse modo, o estudo favorece a construção de novos posicionamentos linguístico-discursivos e a formação de sujeitos capazes de respeitar e lidar com as múltiplas identidades presentes na sociedade.

No escopo da relevância acadêmica, destacam-se algumas pesquisas já publicadas nos últimos anos, cujos autores tratam da temática aqui delimitada: Garcia e Barros (2023), Teixeira (2021), Alexandrino (2021), Marcuschi e Ledo (2015), ao buscarem compreender o tratamento das questões de gênero e sexualidade nos livros didáticos de Língua Portuguesa.

No que tange à viabilidade do estudo na área proposta, também identificamos pesquisas recentes que discutem gênero e sexualidade a partir das concepções de professores, como nos trabalhos de Nascimento (2022), Guimarães *et al.* (2022), Silva e Dallapicula (2020), Neves e Silva (2017) e Soares e Monteiro (2019). Essas produções demonstram avanços científicos e contribuem para a sensibilização sobre um tema tão necessário e urgente na educação. Contudo, apesar da existência dessas contribuições, ainda é possível identificar lacunas no campo, especialmente no que diz respeito à abordagem da temática de gênero e sexualidade em livros didáticos.

Especificamente sobre a coletânea didática *Multiversos: linguagens*, de Campos *et al.* (2020), não encontramos, em nossas buscas em bases como Periódicos CAPES, SciELO, Google Acadêmico e o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, pesquisas que analisem esse material sob a perspectiva da Linguística *Queer*.

Diante disso, esta pesquisa busca oferecer uma contribuição crítica e reflexiva sobre a importância de abordar, de forma satisfatória, temas considerados por muitos como “tabu”. Visa proporcionar discussões e dar visibilidade à diversidade de gênero e sexualidade, uma vez que performances identitárias dissidentes da norma heteronormativa estão presentes em todos os espaços: nas escolas, universidades, igrejas, hospitais, entre outros locais. Com isso, pretendemos promover um impacto social, ao desconstruir discursos hegemônicos e conservadores, contestar a heterossexualidade compulsória e dar visibilidade às identidades historicamente silenciadas.

No campo acadêmico, esperamos despertar o interesse e incentivar novas pesquisas sobre gênero e sexualidade sob a ótica *queer*, ao apresentar dados científicos que evidenciem a necessidade de discutir essa temática. Buscamos, assim, fortalecer a visibilidade da Linguística *Queer* nos cursos de Licenciatura em Língua Portuguesa, em que a linguagem é o principal objeto de estudo, meio de circulação de ideologias e ferramenta de práticas discursivas. A proposta visa ainda promover uma maior sensibilização sobre pertencimento, respeito e inclusão, especialmente em espaços onde, historicamente, nos foi negado o direito de sermos quem somos ou de assumirmos nossas performances identitárias.

Isto posto, temos como objetivo geral: Investigar o tratamento dado às questões de gênero e sexualidade no manual didático do 3º ano do Ensino Médio, *Multiversos: linguagens*:

no mundo dos afetos, de Campos *et al.* (2020), à luz da Linguística *Queer*. E, como objetivos específicos, para complementar a proposta deste trabalho, temos:

- i. Compreender performances identitárias veiculadas em contextos educacionais de ensino de língua portuguesa, por meio do manual didático em apreço.
- ii. Verificar se o material didático apresenta uma abordagem indisciplinar e de “estranhamento” em relação às questões de gênero e sexualidade ou se ainda é arraigado em discursos cis-heteronormativos, hegemônicos.
- iii. Analisar, no manual do professor, os tipos de orientações dadas ao trabalho com atividades que retratam temáticas de gênero e sexualidade.

Outro ponto a ser destacado, é sobre a metodologia que usamos nesta investigação científica, a qual se desdobra em pesquisa bibliográfica e documental e de abordagem qualitativa, visando à compreensão crítica e reflexiva do assunto a ser analisado no manual didático, por meio da Linguística *Queer*.

Ademais, este trabalho monográfico é dividido em seções e subseções para melhor compreensão e entendimento da temática de gênero e sexualidade atrelada ao ensino de língua portuguesa. Na seção 1, trazemos uma visão geral sobre o estudo que foi realizado a partir do tratamento dado às questões de gênero e sexualidade no manual didático em tela, mediante o delineamento que foi estabelecido para empreender esta pesquisa.

Na seção 2, discutimos teoricamente sobre a área da Linguística *Queer*, em uma perspectiva indisciplinar frente ao sistema normativo, estando essa seção dividida em duas subseções: A Linguística *Queer* como campo de atuação; e Conceitos e perspectiva em Linguística *Queer*, nas quais temos como base teórica, principalmente, Borba (2015); Teixeira (2021); Butler (2003); Louro (2001); Lau e Borba (2019) e Santos Filho (2020).

Na seção 3, buscamos desvelar o gênero e sexualidade no ambiente educacional, no intuito de promover um letramento *queer*, ao promover uma maior visibilidade aos corpos dissidentes. Para tanto, a seção é dividida nas subseções: Questões de gênero e sexualidade no chão da escola; e Gênero e sexualidade no ensino de Língua Portuguesa, tendo como pressuposto teórico básico, principalmente os seguintes autores: Louro (1997; 2000); Teixeira (2021); Lauretis (1994); Shneider e Margan (2024); Franzo *et al.* (2023); e Uzêda (2023).

Na seção 4, descrevemos a metodologia adotada nesta monografia, a fim de especificar os procedimentos e técnicas adotados. Sendo assim, a presente seção é dividida em 3 subseções: Contexto da pesquisa; Constituição e delimitação do *corpus*; e Procedimentos de geração e análise de dados. Como suporte teórico, temos as contribuições de Gil (2019) e Marconi e Lakatos (2020), ao tratarem sobre pesquisas científicas e seus métodos.

Na seção 5, por meio de uma leitura enunciativo-discursiva em perspectiva *queer*, trazemos a análise do *corpus*. Para melhor entendimento, a seção é dividida em três subseções: O livro didático em apreço; A transversalidade da temática de gênero e sexualidade no manual didático: entre afetos e silêncios; e Discussões e resultados, tendo como apoio teórico os autores mencionados, anteriormente.

Na seção 6, encerramos as partes textuais da monografia, com as considerações finais, em que apresentamos reflexões acerca da investigação científica, retratando a importância da Linguística *Queer* nos estudos da linguagem.

2 DESVENDANDO A LINGUÍSTICA *QUEER*: estudo sobre linguagem, gênero e sexualidade

A presente seção tem como objetivo desvelar discussões e abordagens sobre a Linguística *Queer*, nos estudos da linguagem, numa perspectiva indisciplinar e de estranhamento frente ao sistema normativo, de modo a reconhecer e respeitar identidades subversivas que não se enquadram no padrão esperado.

Para tanto, a referida seção está dividida em duas subseções: **A Linguística *Queer* como campo de atuação**, tendo como fundamentação teórica, Borba (2015), ao tratar sobre a Linguística *Queer* numa perspectiva indisciplinar; Teixeira (2021), ao falar do surgimento dessa área como campo de estudo; Butler (2003), ao discutir acerca da performatividade e apagamento de identidades subversivas; Louro (2001), ao apresentar o conceito do termo *Queer* e o silenciamento de identidades desviantes, e a subseção **Conceitos e perspectivas em Linguística *Queer***, tendo como base teórica os estudos de Santos Filho (2020), ao discutir acerca dos conceitos e perspectivas do referida área de atuação que norteia este trabalho científico.

2.1 A Linguística *Queer* como campo de atuação

Nas últimas décadas, percebemos uma alta tensão discursiva referente à temática de gênero e sexualidade, o que implica repulsa e exclusão de identitárias que afrontam e contestam o sistema heteronormativo. Apesar de estarmos imersos em uma sociedade que privilegia a heterossexualidade, observamos discursos, debates, pesquisas e áreas de estudos que, aos poucos, foram garantindo visibilidade e força à diversidade sexual e de gênero nos múltiplos ambientes sociais, na busca por igualdade e respeito em nosso país.

Dessa forma, uma área de estudo que problematiza questões identitárias, opondo-se à cultura dominante, é a Linguística *Queer*. Área esta que estuda a interface entre linguagem, sujeito, sentido e as performances identitárias e linguísticas situadas, de modo a desconstruir discursos hegemônicos, ao romper com o padrão cisheteronormativo, devendo este ser repensado pelo viés epistemológico *queer*.

Sendo assim, a Linguística *Queer*, na presente pesquisa, implica e contribui para o desenvolvimento do letramento *queer* na busca pela compreensão e reflexão acerca das identidades subversivas, na apresentação de novos conhecimentos linguísticos e novos sentidos que podem ser atribuídos ao gênero e sexualidade.

Nessa perspectiva, Borba (2015, p. 91) afirma:

A linguística *queer* segue uma perspectiva não essencialista das identidades sexuais e argumenta que, em vez de uma realidade pré-discursiva, essas identidades emergem de contextos socioculturais de regulação e só podem ser entendidas como produtos/efeitos de performances corporais e linguísticas que repetem, reiteram ou subvertem discursos dominantes que trancafiam as posições de sujeito em binarismos, como homem/mulher, hétero/homo.

Com base nas palavras do autor, entendemos que a Linguística *Queer* é uma área que estuda e nos apresenta identidades de gênero e sexualidade que não se enquadram no padrão esperado, sendo construídas discursivamente com o tempo, mediante as situações socioculturais do cenário social. Ademais, vale ressaltar, também, que ela segue uma tendência não essencialista que contesta e contraria, opondo-se ao conservadorismo identitário.

Diante disso, é importante entendermos que corpos e identidades *queer* existem e não aceitam qualquer discurso que aprisione e domestique suas performances. Apesar de ser uma área científica recente nos estudos da linguagem, em solo brasileiro, tem muito a contribuir, assim como vem contribuindo nos estudos linguísticos, pois há novas performances enunciativo-discursivas, há pesquisas que narram histórias reais e, sobretudo, há propostas didático-pedagógicas para trabalhar gênero e sexualidade no contexto de ensino de língua portuguesa.

Segundo os estudos de Teixeira (2021), o surgimento da Linguística *Queer* como campo de estudos científicos acontece na década de 1990, tendo maior avanço com a publicação do livro *Queerly Pfased: Language, Gender and Sexuality*², em 1997, material este organizado pelas pesquisadoras Ana Livia e Kira Hall, constituído de 25 artigos que abordam e discutem a relação entre gênero, sexualidade e linguagem, visando a entender como as performances identitárias são construídas pelo viés do discurso, tendo como base a teoria da performatividade de Judith Butler.

Para Judith Butler (2003)³, uma pesquisadora renomada nos estudos de gênero e sexualidade, a teoria da performatividade possibilita uma relação entre a linguagem e os gestos corporais, pois as performances identitárias são construídas pelo discurso, pela repetição diária de atos cotidianos realizados por sujeitos que não se enquadram nos padrões normativos.

² Tradução livre: *Formações Queer: Linguagem, Gênero e Sexualidade*.

³ Para Butler (2003), o corpo não deve ser visto apenas como um organismo biológico, mas como uma construção social moldada por normas, práticas e discursos culturais. A identidade do corpo e do gênero se forma por meio da performatividade, isto é, por meio da repetição de atos, gestos e comportamentos que, ao longo do tempo, criam a percepção de uma identidade estável, embora ela seja continuamente produzida e negociada socialmente.

Segundo a autora, os atos performativos podem ser uma cena de interação, diálogo e de interpelação, pois o “eu” do discurso sempre é direcionado ao outro, visando mostrar seu posicionamento e postura social, o que causa um desalinhamento e afronta contra a heterossexualidade. E, ainda, vale ressaltar que a performatividade é um dos conceitos fundamentais da Linguística *Queer*, permitindo um olhar para novas performances corporais e práticas discursivas que se avizinham e existem em nosso meio social e acadêmico, o que implica novas relações sociais e reconstrução de sentidos.

Outro ponto importante para Butler (2003), é que ela aborda com profundidade o apagamento e o silenciamento de identidades subversivas. Em especial na obra *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* (Gender Trouble, originalmente de 1990, mas publicada em português em 2003), a autora analisa como os discursos normativos de gênero e sexualidade produzem, regulam e excluem sujeitos que não se encaixam nas normas hegemônicas.

Partindo disso, só são reconhecidos como sujeitos, na sociedade, aqueles que se enquadram nas normas de gênero e sexualidade. Isso significa que existem vidas que são consideradas “invisíveis” ou “impossíveis”, sendo sistematicamente silenciadas, excluídas ou marginalizadas. Butler denuncia que as normas sociais exercem uma violência silenciosa, que se manifesta no apagamento discursivo de pessoas trans, não binárias, *queer* ou qualquer identidade que subverta o que é entendido como “natural”.

Dessa forma, para Butler (2003), o apagamento e o silenciamento de identidades subversivas não são acidentais, mas fazem parte de um sistema que visa manter a normatividade de gênero e sexualidade, e assim, seu projeto teórico é, justamente, o de desestabilizar essas normas, permitindo o surgimento de novas formas de existência e de resistência.

Outra questão importante é referente ao termo *queer* que, na leitura de Louro (2001), pode ser entendido e traduzido como algo que incomoda, provoca e perturba o sistema heteronormativo. Louro (2001, p. 546) afirma que: “[...] *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha de onde ela vier [...]. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, portanto, sua forma de ação é muito mais perturbadora”. Ou seja, o termo *queer* é contra a normalização das identidades impostas pelo sistema tradicional, ao representar pessoas e grupos sociais que não se submetem à opressão e ao silenciamento, já que materializam uma força discursiva que reivindica seu direito de existir, pensar e viver.

Ademais, Guacira Lopes Louro (2001) também evidência o silenciamento de identidades subversivas. Consoante a isso, a pesquisadora em seus trabalhos analisa como as normas de gênero e sexualidade atuam para regular, excluir e tornar invisíveis formas de existência que

fogem ao padrão heteronormativo. Ela se apoia nos estudos *queer* para questionar os discursos que definem o que é “normal”, “aceitável” ou “natural” em relação ao corpo, ao desejo e à identidade.

Dessa modo, a referida autora critica como os currículos escolares tendem a apagar sujeitos dissidentes, ao não abordar suas histórias, vivências e existências, fazendo com que o ambiente escolar e outras instituições operem em uma lógica binária que privilegia exclusivamente o modelo heteronormativo, o que representa rejeição às identidades subversivas, algo que precisa ser revisto e repensado, pois a escola deve ser um espaço de respeito e acolhimento, em que a diversidade de gênero e de sexualidade sejam valorizadas e não silenciadas.

Para Borba (2015, p. 14), “[...] a LA e a LQ são ambas teoricamente mestiças, epistemologicamente desobedientes e metodologicamente indisciplinadas”. Isso nos mostra que, tanto a Linguística Aplicada como a Linguística *Queer*, são áreas de estudos que dialogam e têm filiação teórica próxima, uma vez que ambas têm a linguagem como foco central, retirando ou conferindo sentido às múltiplas formas de viver a pluralidade de gênero e sexualidade, o que gera debate sobre assuntos ou questões sociais que estão presentes em nossa sociedade, dando voz àqueles que, durante muito tempo, foram silenciados.

Partindo disso, também são notórias as contribuições da Linguística Aplicada para as demandas sociais, inclusive para o objeto de estudo desta pesquisa, visto que é um campo indisciplinar que discute e tematiza diferentes problemas em nosso meio social na tentativa de encontrar possíveis respostas ou soluções.

Sendo assim, é importante ressaltar que a Linguística Aplicada surge inicialmente na década de 1960, como uma proposta para o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, sobretudo, o inglês. Mas, devido a sua grande expansão em diálogo com outras áreas de estudo, como, a psicologia, antropologia e outras, acabou se tornando uma área de investigação científica, o que gerou nela avanços significativos, conforme esclarece Moita Lopes (2006).

O mencionado autor afirma, ainda, que a Linguística Aplicada é uma área indisciplinar e múltipla, que tematiza e responde às questões sociais, tendo a linguagem como elemento central, assim como também a Linguística *Queer*, visto que ambas têm uma relação próxima, pois compartilham muitas afinidades teóricas.

É tempo de mudanças, e, no cenário social que vem se construindo, podemos perceber que os estudos em teoria *Queer* sempre buscaram e buscam causar intervenção nos processos normativos que aceitam a heterossexualidade como a única maneira de viver em sociedade, realidade esta que, felizmente, vem mudando.

A esse respeito, Lau e Borba (2019, p. 12) asseveram que,

[...] uma perspectiva Queer implica em perturbar a ordem natural das coisas e desorientar sentidos e práticas excludentes que permeiam a vida social, e inclusive práticas de pesquisa. Se pensarmos como verbo, uma possível tradução seria desorientar.

Partindo dessa perspectiva, o autor nos mostra que a perspectiva *Queer* provoca, questiona, e, principalmente, desorienta práticas normativas que produzem a heterossexualidade, problematizando formas aceitáveis de sujeitos “desviantes” de sua sexualidade e gênero, já que é preciso perturbar para que a presença *queer* seja vista, respeitada e incluída na sociedade que se diz, pelo menos em sua superfície, democrática.

Desse modo, pensar em Linguística *Queer* é refletir e garantir o reconhecimento de outras vidas. É pensar em uma área de estudo capaz de nos sensibilizar sobre outras performances identitárias, diferentes daquelas impostas pelo sistema heteronormativo, que durante muito tempo e, ainda hoje, são julgadas por subverterem o padrão normativo. É favorecer voz e posicionamento para quem sempre ficou à margem da sociedade em virtude de discursos opressores, conservadores, tidos como únicos e absolutos. É, também, permitir pensar na relação entre sujeito, linguagem, significado e identidade de modo a serem problematizados, estranhos, e assim, adotarem outras identidades humanas em gênero e sexualidade, Teixeira (2021).

Portanto, ao refletir sobre as ideias de Teixeira (2021), fazer pesquisa na área da Linguística *Queer* é provocar oposições e problematizações nos estudos da linguagem, de maneira a não se conformar com que é definido, colocado, imposto, de desconstruir conceitos enraizados e de estar disposto a (re)aprender e (re)pensar novas formas de organização social.

Ao pensar nessa nova forma de organização social, é importante discorrermos sobre alguns aspectos, bem como sujeito, performance identitária, ato performativo, estrutura do ato performativo, dos recursos e estratégias linguístico-discursivas para a construção de identidades subversivas, e, sobretudo, de uma abordagem indisciplinar e de estranhamento, aspectos estes que, por sua vez, evidenciam, por meio da linguagem e do discurso, novas construções identitárias de corpos e vidas reais. Esse é o campo de atuação da Linguística *Queer*.

Feitas essas considerações sobre o lugar da Linguística *Queer* nos estudos da linguagem, discutiremos, a seguir, acerca de conceitos e perspectivas profícuas ao referido campo de atuação.

2.2 Conceitos e perspectivas em Linguística *Queer*

Para uma melhor compreensão da Linguística *Queer* nos estudos da linguagem, precisamos compreender alguns conceitos, bem como, **sujeito, força do enunciado/enunciação, performance identitária e pista de contextualização**. Podemos começar pela noção de sujeito.

Dessa forma, com base nos estudos de Santos Filho (2020), em diálogo com as contribuições de Judith Butler, compreendemos que o sujeito nos estudos *queer* é interativo, participativo e performativo, estando inserido na cultura heteronormativa. Sua identidade, construída discursivamente por meio de atos de fala no contexto social, não se submete às normas regulatórias tradicionais. Ao contrário, manifesta-se de forma subversiva, posicionando-se fora dos padrões normativos e desafiando os sistemas hegemônicos por meio de sua performance identitária.

Isto posto, entendemos que a linguagem tem um papel fundamental na construção das identidades sociais, pois é por meio da enunciação que os corpos subversivos são forjados, dentro dos padrões socioculturais, já que toda fala é um ato linguístico-discursivo, uma ação linguística que atua no processo de fazer o corpo. Conforme Santos Filho (2020), os enunciados têm uma força discursiva e é através deles que a heterossexualidade é mantida, definida. Sendo assim, é também por meio dos enunciados que ela pode ser ressignificada, deslocada e subversiva, pois, ao enunciar, construímos algo.

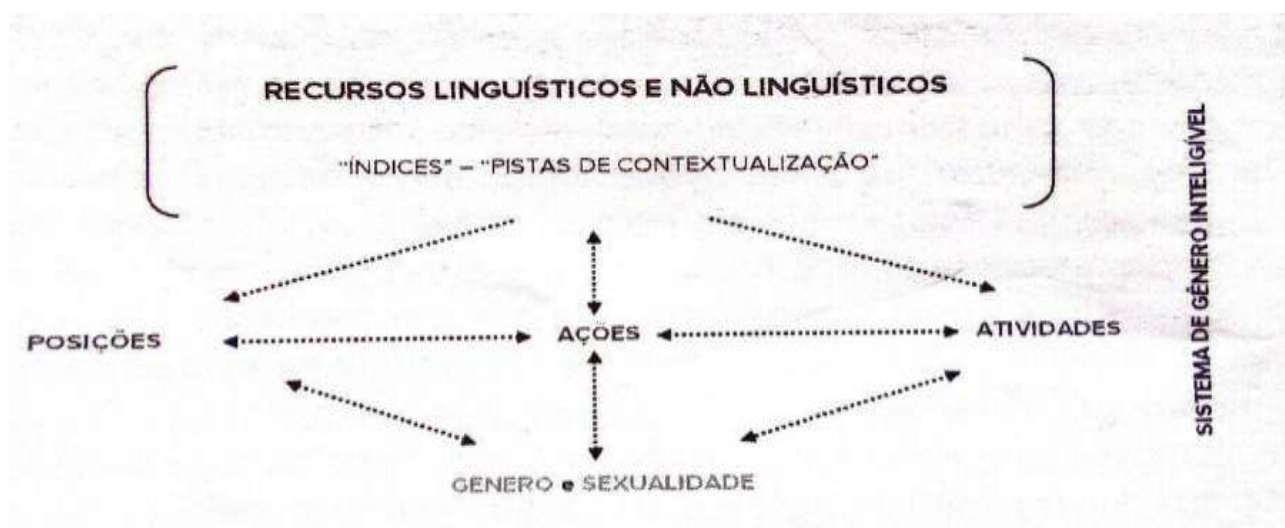
Assim, Santos Filho (2020), vinculado às ideias de Judith Butler, assegura que o enunciado é performático, pois atua na produção da identidade subversiva pela estilização repetida do corpo, ou seja, pela repetição constante dos atos linguísticos que garantem a manutenção das identidades *queer*. E, quando falamos em estilização do corpo, queremos dizer que, é no enunciado que o/a sujeito/pessoa realiza uma adequação e conformação a um dado estilo de viver e ser, fazendo uma marcação ligada a uma identidade subversiva em gênero e sexualidade, o que possibilita a construção e manutenção de uma performance identitária oposta ao padrão normativo.

Destarte, o conceito de performance identitária pode ser entendido como um conjunto de atos linguísticos que, associados aos gestos corporais, permitem a constituição da nossa identidade social e humana, seja aquela que concorda com a heterossexualidade ou se opõe a ela, já que a identidade é uma construção social mantida pela repetição de gestos, ações e atos da linguagem. (Santos Filho, 2020).

Partindo dos atos enunciativos e performativos, vamos fazendo referência e marcando a nossa própria performance identitária, sendo uma identidade tradicional ou subversiva. Nossa sociedade é marcada por regras e normas que definem nosso modo de viver, uma vez que também determina o que pode ser aceito e recusado. Ante o exposto, podemos entender que os sujeitos podem obedecer aos padrões normativos da cultura da heterossexualidade ou subvertê-los, repudiá-los e, assim, seguir outras convocações identitárias.

Para evidenciar a força performativa dos enunciados, apresentamos, a seguir, o quadro elaborado por Santos Filho (2020), em que podemos observar as relações entre os enunciados e os processos performativos em gênero e sexualidade. Posto isso, apresentamos a imagem do quadro que mostra as relações entre os enunciados e processos performativos.

Imagem 1 – Relações entre os enunciados e os processos performativos em gênero e sexualidade



Fonte: Santos Filho (2020, p. 22).

Por essa perspectiva, o supramencionado autor afirma que:

A disposição dos elementos no quadro informa-nos que ao enunciar, ao usar os recursos linguísticos e não linguísticos, os sujeitos marcam posições, realizam determinadas ações e determinadas atividades, bem como constroem significados de gênero e sexualidade, os quais nascem atrelados a esses outros significados. (Santos Filho, 2020, p. 23).

Isso nos mostra que, a partir das enunciações e dos atos performativos, os sujeitos materializam suas posições, realizam suas ações e atividades, evidenciando sua performance identitária, visto que ela é determinada por meio da estilização do corpo, isto é, pela repetição

de atos enunciativos e processos performativos, construindo novos significados de gênero e sexualidade.

Compreendemos que os significados são definidos entre as relações de linguagem, da interação com o outro e nas relações de poder. À vista disso, os significados de gênero e sexualidade são construídos e forjados dentro de uma cultura conservadora, podendo estes contemplarem o padrão normativo, seguindo as normas regulatórias ou serem significados que causam desalinhamento e subversão em oposição ao sistema heteronormativo.

Ademais, é importante ressaltar que os atos enunciativos e performativos ajudam na construção e manutenção do gênero e sexualidade também por meio das “pistas de contextualização”, podendo estas ser entendidas como palavras ou expressões linguísticas que determinam ou narram a prática identitária do sujeito, sendo marcações emergentes do sistema de gênero inteligível que traçam novos significados que são socialmente convencionados e incorporados dentro do contexto comunicativo, conforme afirma Santos Filho (2020).

Esclarecendo mais acerca dos estudos em Linguística *Queer*, que se colocam em oposição à normalização, é importante abordar sobre as escolhas linguístico-discursivas na construção de identidades subversivas, visto que essas escolhas se dão nas interações sociais. Sobre isso, o autor nos fala que, quando estamos em um diálogo, temos a possibilidade de fazer uso de determinados discursos para nos (re)construir e (re)construir o outro, sobre quem somos e o que queremos defender, pois, de acordo com Santos Filho (2020, p. 38): “[...] a interação é a base da organização social [...]. Logo, todo diálogo/conversa é um processo de interação com o próximo, por meio do qual realizamos escolhas de recursos e estratégias linguísticas. Tudo é baseado em embates, diálogos, ideologias e negociações que constroem as identidades.

De tal modo, realizamos as escolhas linguísticas porque enunciamos, e, a partir dessa enunciação, podemos escolher recursos linguísticos que marcam, revelam ou ocultam nossa identidade de gênero e sexualidade, uma vez que, nas interações comunicativas, eles são sempre situados dentro do contexto comunicacional estabelecido entre os sujeitos, como assegura Santos Filho (2020)

Como exemplo disso, ao usarmos o sintagma “a pessoa”, em um diálogo, os indivíduos não marcam o gênero e a sexualidade do outro e de si próprio, diferentemente do que acontece ao usarmos os pronomes “ele, ela”, que pontuam o gênero com quem se tem uma conversa. É relevante destacar que a escolha dos recursos linguísticos está diretamente condicionada ao contexto comunicativo da interação, ao conteúdo do diálogo estabelecido e à temática abordada.

Nesse sentido, determinadas palavras ou expressões podem funcionar como marcadores de identidade, manifestando performances que se inscrevem ora no campo da normatividade,

ora no da subversão. São as situações comunicativas que moldam nossas performances identitárias. É no contexto social, nas interações cotidianas, que negociamos e sustentamos nossas formas de viver e de nos expressar em termos de gênero e sexualidade

A enunciação é um produto da interação social, seja ela definida pela situação imediata do diálogo ou pelo contexto sociocultural da comunidade, pois o contexto é um fator importante e indispensável, pois é na interação concreta e materializada que a comunicação surge, sendo resultante de condições reais de vida nas quais os interlocutores estão inseridos.

Ademais, pela discussão aqui abordada acerca da Linguística *Queer* e as escolhas linguístico-discursivas na subversão das identidades, Santo Filho (2020), em consonância com as ideias de Sobral (2005), discute a partir da teoria bakhtiniana, ao conceber os sujeitos como sujeitos situados.

À vista disso, o autor argumenta que o sujeito situado é diferente daquele sujeito da Antiguidade e da Idade Média governado pelas instituições de poder, seguindo fielmente aos padrões normativos, não tendo papel ativo de oposição, e sim de obediência e subserviência a tudo o que era imposto e aceito socialmente. E, ainda, este difere do sujeito moderno, dotado de razão, já que o sujeito situado é descontínuo e deslocado, cuja construção se baseia nas relações sociais, nas interações com os outros, em que suas identidades, sendo subversivas, sempre são construídas e negociadas em meio às relações e comunicações internacionais.

Apesar de ter apresentado os fatores que forjam a enunciação, é preciso compreender quais recursos são importantes para a construção das interações sociais, sejam eles recursos linguísticos, sejam estratégias comunicativas, e para tal explicação, Santos Filho (2020, p. 46, grifo do autor) nos fala que:

As marcações das identidades, nas interações, podem ocorrer pela escolha do léxico. A palavra passa a ser o recurso com o qual os sujeitos ‘informam’ a si e aos outros sobre os modos de ser, negociando tais jeitos de ser, em gênero e sexualidade.

Isto posto, evidenciamos que o referido autor nos mostra a relevância do uso do léxico na construção da identidade em meio às interações sociais, evidenciando para si e para os outros o seu modo de viver, forjando e negociando sua própria identidade humana. Todavia, esse léxico não pode ser analisado isoladamente, e sim a partir de todo o vocabulário materializado.

Sobre o uso do léxico, Santos Filho (2020) nos diz que a maneira como usamos as palavras, por meio da enunciação e da entonação, revela mais do que apenas seus significados linguísticos. Esses elementos expressam as posições, os valores e as identidades sociais e humanas dos sujeitos inseridos em contextos específicos de comunicação.

Com base nas ideias de Bakhtin, o autor destaca que toda palavra é, em si, neutra e passível de múltiplas significações. No entanto, o sentido da entonação só se concretiza nas enunciações, uma vez que a palavra, ao ser proferida, insere-se na prática social, cultural, ideológica e política do sujeito, que, ao enunciar, dialoga com os valores impostos pela sociedade e expressa seu posicionamento diante dos preceitos normativos relacionados às questões identitárias, refletindo tensões entre o biológico, o divino, o social, o cultural e o discursivo.

Por conseguinte, percebemos que a palavra é um importante recurso enunciativo nas construções identitárias, o que evidencia uma lexicalização de novos (re)posicionamentos linguísticos e discursivos em prol de novos projetos performativos. Outro ponto importante que Santos Filho (2020) nos traz, é que todo o sistema gramatical é útil, já que ele é influenciado pelas posições das palavras.

O pesquisador cita, como exemplo, a referência ao gênero, uma vez que, em nosso sistema linguístico, essa categoria é marcada pelo uso do artigo e do morfema desinencial de gênero que acompanha o morfema lexical: em “o garoto” e “a garota”, o gênero é marcado pelo uso dos artigos definidos (o, a) no início da palavra, categoria linguística esta que determina o gênero do substantivo a que se refere; e pelas desinências nominais (o, a), ao final da palavra, que determinam o gênero do substantivo.

Logo, por meio das discussões em Linguística *Queer*, podemos perceber suas contribuições para os estudos em linguagem, principalmente quando nos apresenta possibilidades de recursos e estratégias linguístico-discursivas em construções enunciativo-discursivas identitárias.

Ademais, é consensual, dentro dos estudos da área, que precisamos entender que a presente área de estudo não segue uma abordagem sólida, disciplinar, ligada à heterossexualidade, e sim uma abordagem indisciplinar, múltipla que dialoga com outras áreas de conhecimento, de maneira a promover questionamentos, problematizações e estranhamentos frente à interface entre o gênero e a sexualidade por meio da linguagem, trazendo possibilidades e outras abordagens teóricas e metodológicas que determinam um caminho para a construção e subversão de outras performances identitárias, evidenciando uma interseccionalidade entre linguagem, gênero e sexualidade.

Portanto, a Linguística *Queer* tem muito a contribuir nos estudos em linguagem, já que a linguagem é o meio pelo qual as identidades são construídas e as ideologias disseminadas. Sendo assim, são necessárias práticas de pesquisas que, com base na perspectiva *Queer*, discutam a interface entre linguagem, gênero e sexualidade, de modo a garantir e a viabilizar

uma postura *queer* em diferentes contextos sociais, principalmente no contexto educacional, por parte dos professores e demais profissionais atuantes, visando uma construção ética e responsável com todas as identidades, independente de qual seja o gênero e sexualidade.

Apesar de a escola ser um ambiente formativo, infelizmente tem a maior parte de sua cultura ainda enraizada em antigas ideologias quando se trata da temática aqui proposta, já que os livros didáticos, vistos como grandes auxiliares do/a professor/a, trazem limitações e possivelmente uma abordagem disciplinar de performances identitárias que contemple apenas a heterossexualidade, prevalecendo, assim, discursos hegemônicos que repudiam ou deixam de fora outras performances identitárias – essa é uma das hipóteses de nossa pesquisa em relação ao material que analisamos.

Isso precisa ser repensado, revisado e analisado, visto que, nas instituições escolares, há a presença de corpos e vozes que merecem ser representadas e não excluídas. Partindo desse ambiente formativo, onde há um encontro significativo de diversas identidades, precisamos reeducar o olhar do outro, problematizar o que é dito como único e absoluto, reaprender novos conhecimentos e desconstruir conceitos enraizados de uma cultura que nega o outro, e, assim, assumir uma conduta de respeito e tolerância mediante nossa atuação enquanto professores/as de língua materna, estando aptos/as para lidar com as diferenças, com vistas à construção de uma educação linguística crítica e aberta à diversidade.

Feitas essas considerações teóricas sobre conceitos e perspectivas em Linguística *Queer*, abordaremos a seguir, acerca das questões de gênero e sexualidade no contexto educacional, em específico no ensino de Língua Portuguesa, por um viés do letramento *queer*.

3 DESCORTINANDO O GÊNERO E A SEXUALIDADE EM CONTEXTO EDUCACIONAL: por um letramento *queer*

A referida seção tem como finalidade discutir sobre o gênero e a sexualidade no âmbito educacional, visando contribuições para um letramento *queer*, de maneira a viabilizar conhecimentos e reflexões acerca de performances identitárias subversivas.

Desse modo, esta seção é dividida em duas subseções: **Questões de gênero e sexualidade no chão da escola**, que tem como base, Louro (1997), ao abordar o conceito de gênero como aspecto de poder e construção social; Louro (2000), ao falar acerca de sexualidade como um assunto íntimo e delicado; Lauretis (1994), ao trazer uma discussão de gênero como diferença sexual e como ferramenta na divisão capitalista do trabalho; Sheneider e Margan (2024), ao falarem acerca do gênero e o PNE; Franzo et al (2023), ao refletir sobre a temática gênero e sexualidade, citando a Base Nacional Comum Curricular (doravante, BNCC) e outros. A outra subseção é intitulada: **Gênero e sexualidade no ensino de Língua Portuguesa**, tendo como base, Teixeira (2021), ao falar sobre educação rizomática; Uzêda (2023) ao abordar a relevância da temática gênero e sexualidade no currículo língua materna; Louro (2001), que nos ajuda a entender o letramento *queer*, dentre outros autores.

3.1 Questões de gênero e sexualidade no chão da escola

É importante reconhecer que a sociedade vem evoluindo e novas áreas de investigação científica emergem diante das necessidades e problematizações que afligem nosso meio social, visto que conceitos precisam ser repensados, pois todas as vidas importam, independentemente da identidade de gênero ou orientação sexual. Dito de outro modo, todo ser humano tem direitos à vida, à saúde, à educação, à liberdade de escolher como viver e qual ideologia seguir, carregando consigo histórias, vivências, princípios, valores e diferenças que o tornam único e humano.

A inclusão de uma discussão teórica sobre gênero e sexualidade, neste trabalho científico, é fundamental tanto para o aprofundamento acadêmico quanto para a relevância social da pesquisa. Essas temáticas atravessam múltiplas dimensões da vida em sociedade e demandam uma abordagem crítica e fundamentada, capaz de problematizar naturalizações, estigmas e desigualdades historicamente reproduzidos, inclusive nos espaços institucionais, educacionais e profissionais.

E, a partir dessa discussão, vamos observar que gênero e sexualidade não são características fixas inerentes ao sujeito, mas construções sociais e discursivas forjadas no meio social, o que amplia nosso nível de conhecimento frente a essa temática que vem ganhando cada vez mais espaço nos diferentes ambientes sociais.

Essa abordagem teórica também contribui para a produção de um conhecimento comprometido com os direitos humanos e com a justiça social, ao valorizar a diversidade de experiências e identidades e dar visibilidade a vozes historicamente silenciadas ou marginalizadas. Reconhecer tais pluralidades é essencial para a promoção de práticas mais inclusivas e democráticas, especialmente no campo da educação.

Um ponto importante a ser destacado no contexto educacional é relacionado à perspectiva e ao conceito do letramento *queer*. Dessa maneira, o conceito de letramento *queer* pode ser compreendido como uma prática de leitura, escrita e interpretação crítica que questiona os padrões normativos e valoriza identidades de gênero e sexualidades dissidentes, que não se enquadram nas normas tradicionais. Trata-se, portanto, de uma proposta educativa que visa provocar reflexões e críticas acerca das identidades subversivas, evidenciando caminhos para a formação de um corpo social mais aberto à diversidade, como nos orienta Louro (2001).

Nesse sentido, a autora defende a necessidade de desconstruir currículos normativos e desnaturalizar as normas de gênero e sexualidade, promovendo uma educação crítica, inclusiva e atenta às diferenças. Além disso, a autora reconhece a escola como um espaço de disputa simbólica, em que discursos e práticas devem ser constantemente tensionados e problematizados.

Alinhado a essa perspectiva, o letramento *queer* propõe uma leitura crítica das formas como os sujeitos são construídos e representados socialmente, contribuindo para a formação de leitores capazes de interrogar os padrões dominantes e ampliar as possibilidades de reconhecimento e existência no contexto educacional.

De acordo com os pressupostos de Louro (1997), o conceito de gênero está voltado às relações de poder e aos papéis assumidos por homens e mulheres na sociedade, muitas vezes em uma dinâmica de desigualdade fundamentada na dominação e subordinação do outro, sendo o gênero masculino visto como superior ao gênero feminino e demais identidades⁴ que não seguem o sistema tradicional.

⁴ Conforme Louro (1997), a identidade constitui-se no entrecruzamento de processos sociais e históricos, sendo continuamente produzida e reelaborada. Longe de representar uma essência imutável, ela se manifesta como um conjunto dinâmico de narrativas e práticas humanas que as pessoas incorporam e pode ser transformada e moldada ao longo da vida.

Ainda segundo a autora, o gênero não é derivado de algo natural ou biológico, mas sim de uma construção social/cultural, que é moldada com o tempo, não se limitando somente ao binarismo, (homem-mulher), mas reconhecendo também a pluralidade de outras identidades e expressões de gênero. Isso nos leva a pensar que o conceito de gênero masculino e feminino são comportamentos desenvolvidos por meio de processos sociais, já que a ideologia desse conceito é transmitida de geração para geração, sendo passível de mudanças e ganhos de novos sentidos.

Outra questão importante de discussão são as questões relacionadas à sexualidade. Nesse sentido, seguindo os estudos de Louro (2000), a sexualidade é assunto íntimo, delicado e que não deve ser exposta para qualquer pessoa, e quando exposta demanda respeito e empatia. A sexualidade humana é voltada para a disputa entre sujeitos, corpos, ideais e identidades que são a todo momento reivindicados por grupos sociais e instituições diferentes, uma vez que a diversidade sexual é uma forma que define cada ser, cada qual com suas especificidades e particularidades.

Falar sobre sexualidade não é simples, é assustador, por medo da rejeição, já que tal assunto, ainda hoje, infelizmente, é visto como “tabu”, em que a igreja e algumas ciências formulam conceitos que privilegiam somente corpos que seguem o padrão normativo, ditando o que é certo e errado aos comportamentos sexuais que devem ser seguidos.

Partindo dos pressupostos de Lauretis (1994), ela nos fala em seu trabalho intitulado, *A tecnologia do gênero*, que o conceito de gênero como diferença sexual encontra-se nos posicionamentos críticos de questionamentos referentes às teorias, nos estudos, nas releituras de imagens e narrativas tradicionais, já que o conceito é alterado com o tempo, ganhando novos significados e sentidos que não agradam, em nenhum momento, à cultura tradicional do patriarcado.

A autora faz apontamentos ao conceito de gênero ao dizer que ele é uma construção que vem acontecendo com o tempo nos diferentes espaços sociais, seja na escola pública, na privada, nas mídias, na família, nas universidades, seja em inúmeros outros lugares. Seu conceito também acontece na desconstrução de pensamentos e ideias de representação por meio de debates e novas visões críticas e políticas aderidas por intermédio da linguagem.

Ademais, Lauretis (1994) orienta que o termo gênero pode ser associado como a representação de uma relação de pertencimento a um grupo ou classe, visto que é uma relação social de interação entre sujeitos falantes. Embora as concepções culturais do feminino e masculino se completam ao mesmo que se distanciam, essas concepções classificam os indivíduos dentro de um sistema de gênero, dentro de um sistema de significações que se

relacionam com valores e hierarquias dominantes, cujos significados do gênero podem mudar de acordo com os fatores políticos e culturais de cada sociedade.

Lauretis (1994), alinhada às ideias de Michele Barret, argumenta que a ideologia de gênero foi um conceito que teve uma importante função histórica na divisão capitalista do trabalho e nas relações de poder, situação esta que prevalece até hoje nas relações sociais, infelizmente, numa dinâmica tradicional e conservadora.

Lidar com questões de educação sexual no contexto escolar brasileiro nos últimos anos é um desafio, pois há estudos, teorias e pesquisas que rompem com os padrões normalizados que invalidam outras formas de ser e viver em gênero e sexualidade, algo que não é bem visto ou aceito pelo sistema convencional e conservador. Durante muito tempo, e ainda nos dias atuais, a escola tem adotado uma abordagem essencialista e conservadora em relação aos debates sobre identidade de gênero e orientação sexual. Essa postura é sustentada por um sistema patriarcal que nega e deslegitima outras expressões identitárias que se afastam da lógica naturalizada e biológica dos sujeitos.

Segundo Schneider e Margan (2024), ao retomarem as ideias de Connell e Pearse (2015), há uma compreensão de que existe uma ordem naturalizada de gênero, a qual historicamente define papéis e funções distintas para homens e mulheres. Essa ordem se estabelece a partir de uma relação de desigualdade, na qual o gênero masculino é sistematicamente valorizado em detrimento do feminino. Trata-se de uma construção social marcada, na maioria das vezes, por uma lógica injusta e excludente, enraizada, ao longo do tempo, para favorecer sujeitos que se colocam como detentores do saber e do poder de liderança nas comunidades e grupos sociais.

É relevante destacar que os indivíduos não nascem preconceituosos, mas são socializados, desde a infância, a agir e se comportar conforme os padrões impostos pela cultura em que estão inseridos. Em sociedades hegemonicamente heteronormativas, comportamentos e identidades que se desviam das normas estabelecidas em relação ao gênero e à sexualidade tendem a ser marginalizados ou rejeitados, tais atitudes geram indiferença e desrespeito em relação a pessoas cujas identidades de gênero e orientações sexuais divergem dos padrões tradicionais.

Isso inclui indivíduos tidos como lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binários, dentre outras identidades. Como resultado, frequentemente ocorrem formas de violência, seja física, seja psicológica. Segundo Schneider e Margan (2024), esse fenômeno pode ser caracterizado como lgbtfobia, isto é, um conjunto de

atitudes e ações discriminatórias e desrespeitosas direcionadas a pessoas que não se enquadram nas normas do conservadorismo identitário.

Apesar de que nos últimos anos houve avanços no combate à lgbtfobia e na abordagem da diversidade de gênero e sexualidade nas escolas brasileiras, esses avanços constantemente sofrem resistência por parte de grupos sociais conservadores e políticos que limitam ou restringem a discussão da temática de gênero e sexualidade nas escolas, conforme asseguram Schneider e Margan (2024).

Com base nisso, observamos a existência de pressões, no contexto educacional, tanto para a implementação de uma abordagem mais inclusiva em relação às questões identitárias e de sexualidade, quanto para sua exclusão dos currículos escolares. Além disso, há forças sociais e institucionais que buscam manter esses temas como tabus dentro do ambiente escolar.

Com toda essa abordagem discursiva, as autoras Schneider e Margan (2024) expõem sobre a retirada do termo “gênero” do Plano Nacional da Educação (PNE) em 2014, o que acontece por divergências ideológicas e políticas, já que os grupos dos conservadores e religiosos ditavam que a inclusão do termo “gênero” no PNE seria uma ameaça aos valores familiares e aos parâmetros regulatórios da cultura tradicional.

E nessa disputa por poder por parte do conservadorismo e pelas inúmeras pressões sociais e políticas ao governo, o termo “gênero” foi retirado do PNE e substituído por “igualdade entre os sexos”, somente em algumas partes do texto. Esse posicionamento foi visto apenas como uma forma de contemplar o sistema patriarcal e a aprovação do texto do PNE.

Esse cenário evidencia um déficit significativo na esfera educacional brasileira, o que compromete a construção de uma educação verdadeiramente inclusiva, aberta à diversidade sexual e à abordagem de questões relacionadas à discriminação de identidades consideradas subversivas no ambiente escolar, contribuindo para uma escola sem partido⁵. A discussão sobre gênero e sexualidade, tanto nas escolas quanto em outros espaços sociais, não busca negar o aspecto biológico, mas sim questionar, problematizar e apresentar diferentes performances identitárias. Tais performances são consideradas subversivas justamente por desafiar as normas hegemônicas, uma vez que os comportamentos e as expressões relacionados ao gênero e à sexualidade são construções sociais, culturais e discursivas (Schneider; Margan, 2024).

⁵ O termo “**Escola sem Partido**” se refere a um movimento político-educacional no Brasil que surgiu na última década, defendendo a ideia de que a educação deve ser neutra e livre de ideologias. No entanto, Saviani (1991) ressalta que a educação não é neutra, pois toda prática pedagógica reflete interesses sociais e valores ideológicos. Movimentos como a Escola Sem Partido, ao defenderem uma suposta neutralidade, na prática restringem a formação crítica dos estudantes e favorecem a manutenção de uma visão conservadora da sociedade.

Pensemos em práticas sociais de separar filas, esportes, determinar cores, roupas e até mesmo distribuir funções com base somente nos princípios conservadores de gênero e sexualidade, consequentemente, teremos desigualdades sociais, atos discriminatórios, discursos de ódio e dominação da identidade feminina e das demais identidades, limitando o indivíduo, dessa forma, ao seu modo de ser e viver dentro e fora do ambiente escolar.

É importante contestar e desconstruir normas regulatórias tradicionais de gênero e sexualidade, a fim de evitar práticas de exclusão e de indiferença contra performances identitárias que estão presentes na rede de ensino escolar, sendo pessoas que têm muito a contribuir na consolidação de educação justa, humana e que a diversidade seja valorizada e devidamente respeitada nos diferentes ambientes sociais.

Com base na pesquisa de Frazo *et al.* (2023, p. 141), “[...] a construção histórica dos conceitos de gênero e sexualidade e suas problematizações são necessárias para compreender o modo como as práticas e ações escolares são vivenciadas e construídas em torno da educação básica”, pois a escola é o principal meio de convívio social entre os estudantes, como local de encontro e interação com o outro.

Nessa perspectiva, os autores nos convidam a refletir sobre a temática deste trabalho na esfera educacional, ao citarem a BNCC e a ausência de temas associados às questões de gênero, sexualidade e orientação sexual no referido documento.

Apesar desse documento educacional ter sofrido alterações e ganhado uma nova versão, no novo texto do ano de 2018 é perceptível, infelizmente, o pouco tratamento ou a ausência e suspensão dada às questões de gênero e sexualidade nos currículos da rede de ensino. A BNCC não garante a proibição da abordagem de gênero e sexualidade no ambiente escolar, mas também não viabiliza diretrizes explícitas sobre a referida temática, e, assim, faz com que a inclusão no currículo, nas aulas escolares, dependa de políticas públicas educacionais estaduais e municipais de cada região, bem como também a formação e a preparação de professores aptos para trabalhar com tal assunto. E, consequentemente, por se tratar de um documento normativo e orientado, cheio de regras e normas, tem influência positiva dentro das escolas (Frazo *et al.*, 2023).

É importante destacar também outro documento orientador fundamental para a educação brasileira, especialmente no contexto do Estado do Maranhão: o Documento Curricular do Território Maranhense para o Ensino Médio (doravante, DCTMA). Elaborado pela Secretaria de Estado da Educação do Maranhão (SEDUC-MA), em 2022, o DCTMA constitui uma diretriz pedagógica oficial que orienta o currículo das escolas de ensino médio da rede pública estadual. Esse documento está alinhado à BNCC, às Diretrizes Curriculares

Nacionais para o Ensino Médio (doravante, DCNEM) e à Lei nº 13.415/2017, que institui o Novo Ensino Médio.

Desenvolvido de forma colaborativa, com a participação de educadores, especialistas, gestores e instituições parceiras, o DCTMA busca adaptar o currículo às realidades culturais, sociais e econômicas do Maranhão. Seu objetivo é promover uma educação mais democrática, inclusiva e de qualidade, valorizando a diversidade e o respeito às diferenças (Maranhão, 2022a).

Nesse sentido, o documento enfatiza a importância de desenvolver, entre os estudantes, competências voltadas ao respeito aos direitos humanos e à diversidade, conforme previsto na BNCC e nas DCNEM. Especificamente na área de Linguagens, o DCTMA orienta que o currículo contemple a compreensão e produção de textos que abordam temáticas como identidade, gênero e sexualidade.

Essa proposta envolve a análise crítica de discursos literários, midiáticos e culturais que influenciam a construção social dessas questões, com o intuito de formar sujeitos conscientes e respeitosos das múltiplas identidades e orientações sexuais existentes na sociedade (Maranhão, 2022a). Dessa forma, a incorporação das temáticas de gênero e sexualidade no currículo do Ensino Médio maranhense reflete o compromisso do DCTMA com a formação cidadã crítica, ética e comprometida com os valores democráticos e os direitos humanos.

Outro documento oficial que norteia a educação no Maranhão, especificamente no nível do Ensino Médio, é o Caderno de Orientações Curriculares para o Ensino Médio da Rede Estadual do Maranhão, elaborado pela Secretaria de Estado da Educação (SEDUC-MA) e publicado em 2022. De acordo com esse documento, seu principal objetivo é orientar e apoiar a implementação do Novo Ensino Médio nas escolas públicas estaduais, alinhando às práticas pedagógicas, às diretrizes da BNCC e às especificidades do contexto educacional maranhense.

De acordo com o Caderno (Maranhão, 2022b), as temáticas de gênero e sexualidade são reconhecidas como componentes essenciais para a formação integral dos estudantes. Essas questões são abordadas de forma transversal nos diversos componentes curriculares, contribuindo para uma educação voltada ao respeito, à diversidade, aos direitos humanos e à equidade.

No componente curricular de Língua Portuguesa, por exemplo, o caderno propõe atividades que incentivam o desenvolvimento de competências de leitura, interpretação e produção textual com base em temas sociais contemporâneos. Ainda segundo o documento, embora não haja uma seção exclusiva voltada à temática de gênero e sexualidade, essas questões são integradas em práticas pedagógicas como: análise crítica de discursos que

reforçam estereótipos de gênero; produção de textos argumentativos sobre igualdade de gênero e respeito à diversidade sexual; e discussões sobre representações de gênero na literatura e na mídia. (Maranhão, 2022b). Tais abordagens, conforme orientado pela SEDUC-MA (Maranhão, 2022b), visam promover uma educação inclusiva e sensível às diferentes identidades, contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais justo e plural.

Ademais, é importante pontuar um documento que traz uma abordagem inclusiva acerca da temática gênero e a sexualidade e que se contrapõe a BNCC. Trate-se, desse modo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), em que as questões de gênero e sexualidade aparecem de forma explícita no eixo dos Temas Transversais, entendidas como parte essencial da formação integral do estudante. O documento orientava que a escola promovesse reflexões sobre diversidade, igualdade de gênero e respeito às diferentes orientações sexuais, considerando que tais discussões deveriam perpassar todas as áreas do conhecimento (Brasil, 1997).

Já a BNCC, como mencionado anteriormente, não aborda diretamente esses temas. Esse apagamento se relaciona ao contexto político em que a BNCC foi produzida, marcado pelo fortalecimento de discursos conservadores que rejeitam a presença da chamada ideologia de gênero na educação. Dessa forma, percebe-se um movimento de retrocesso: enquanto os PCNs buscavam inserir gênero e sexualidade como parte da prática pedagógica, a BNCC opta por silenciar essas discussões (Brasil, 2018).

Portanto, abordar questões identitárias e de orientação sexual nas escolas não é negar os ensinamentos familiares, não é induzir a escolha do gênero ou a sexualidade, pois não se trata de uma escolha, não é querer mudar o outro, e sim promover o respeito e inclusão da diversidade humana, mostrar que os conceitos de gênero e sexualidade são construções sociais, garantir a diminuição de discursos de ódio e ofensivos, romper com atos de violência contra as minorias, sensibilizar o outro sobre a existência de corpos e comportamentos que subvertem o padrão normativo, e que isso não é motivo para materializar a negação do outro.

Diante de tudo isso, encerramos esta subseção reafirmando que todos têm o direito de viver e se expressar da forma e maneira que desejam e se sentem bem. Feitas essas considerações, abordaremos, a seguir, sobre questões de gênero e sexualidade especificamente no contexto de ensino de Língua Portuguesa.

3.2 Gênero e Sexualidade no Ensino de Língua Portuguesa

Debater sobre uma temática que contesta o padrão normativo é algo difícil, ao mesmo tempo complexo, principalmente no âmbito educacional, já que a escola, na maioria das vezes, é tida como um espaço conservador, governado por pressões sociais que não aceitam algo que está fora da normatividade, sobretudo, posicionamentos e visões que não podem controlar.

Vivemos em uma sociedade em que a linguagem é uma ferramenta de poder, de convencer ou persuadir o outro sobre o que acreditamos, de manter práticas sociais e discursivas ou desconstruí-las, forjando um novo posicionamento linguístico-discursivo frente às diversas situações vistas como ofensivas e de exclusão a todo e qualquer sujeito falante do nosso meio social.

Sabemos que a escola é um importante espaço de aprendizado de educação humana que prepara o estudante para a vida em seus diferentes aspectos, pessoal, emocional, intelectual e profissional. É um lugar que está à frente do contexto social e educacional que estamos inseridos, adotando um pensamento coerente na construção das identidades dos sujeitos, tendo a heterossexualidade compulsória como princípio a ser seguido, porém precisamos reeducar o olhar do outro sobre identidades desviantes, como afirma Teixeira (2021).

Nessa perspectiva, Teixeira (2021, p. 50) nos fala que:

Nessa sociedade, apenas os sujeitos inteligíveis possuem direitos perante os serviços do estado, enquanto os sujeitos desviantes da norma, caso não se adequem a tais parâmetros, são postos em condições de punição, sendo banidos desse espaço, não tendo condições de exercer direitos, pois são vistos como corpos inválidos, sujeitos matáveis.

A escola, enquanto espaço formativo e de relevante influência social, deve posicionar-se de forma ativa frente aos processos de rejeição e desrespeito ao outro, promovendo a inclusão e a desconstrução de atitudes e discursos historicamente enraizados em uma sociedade tradicional e submissa a religião conservadora⁶. Consoante a isso, Teixeira (2021), ao dialogar com Borba e Linna (2016), defende uma educação rizomática, isto é, uma proposta pedagógica voltada para a desaprendizagem de práticas sociais tradicionais, com o objetivo de desconstruir

⁶ Conforme Bourdieu (2001), a religião pode ser compreendida como um sistema simbólico que organiza a experiência social e, simultaneamente, atua na preservação de uma ordem social legitimada. Tal função conservadora se manifesta na defesa de valores e práticas que reforçam estruturas já estabelecidas. Assim, neste trabalho, entende-se por “religião conservadora” aquelas formas de religiosidade que procuram manter padrões morais e culturais, resistindo a transformações que possam questionar ou modificar a hierarquia vigente.

relações de desigualdade entre diferentes performances identitárias. Tal abordagem busca reconhecer e valorizar todas as formas de ser, abrindo caminhos para novas aprendizagens e formas de conhecimento.

Posto isso, outro autor que aborda sobre a temática aqui proposta é o professor e pesquisador André Uzêda (2023), que trata da pertinência da temática “gênero e sexualidade” nos currículos praticados em aulas de Língua Portuguesa, mesmo que haja a resistência de documentos educacionais influenciados por inúmeras pressões do Estado.

Desse modo, Uzêda (2023) assevera que noção de normatividade dos padrões sexuais, infelizmente ainda se aproxima das concepções curriculares que se alinham e seguem normatizações regulatórias da educação brasileira. Para tanto, o referido autor toma como ponto de início a BNCC, propondo uma reflexão acerca de como nossos currículos são mantidos dentro de armários, limitados em padronizar uma educação tradicional, ideológica, sistematizada e alinhada dentro das normas conservadoras.

Dentro desse panorama, Uzêda (2023) nos mostra que as versões da BNCC de 2015 a 2017 sofrem alterações, e, assim, consolidam uma nova orientação político-ideológico assumida especificamente a partir de 2016, quando Michel Temer assume o governo federal no pós-golpe contra o governo de Dilma Rousseff.

Essa orientação, aprovada no documento da BNCC, legitima a exclusão da perspectiva ligada com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997 e com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 2020, que respeitam as diferentes modalidades de ensino, as diversas realidades sociais nos vários contextos educativos, ao assumir uma perspectiva curricular que desrespeita as singularidades e especificidades do outro, sendo que é importante ressaltar que o respeito a esses aspectos citados anteriormente é algo amparado e garantido por lei, justamente para evitar conflitos e controvérsias. Mas, é algo que até então não é devidamente atendido pelo poder legislativo.

À vista disso, o respeito à diversidade em diversos contextos educacionais é atacado com a versão final do texto da BNCC, levando em consideração que esse documento, norteado pela pauta conservadora, define o que deve ser ensinado e aprendido em cada nível da educação pelo alunado, mesmo que alguns assuntos ou temas sejam retirados, como é o caso dos estudos e abordagem sobre o gênero e sexualidade, como aponta Uzêda (2023).

Dessa maneira, podemos observar, como base em Uzêda (2023), um retrocesso na educação, pois a falta de diretrizes e termos voltados para questões identitárias (ideologia de gênero, sexualidade e orientação sexual), dentro da versão final da BNCC, nos apresenta um tratamento de negligência e rejeição às questões de identidade e orientação sexual em virtude

de um cenário antidemocrático, ferindo, a nosso ver, o direito das minorias, neste caso, da população LGBTQIAPN+.

Desde que os estudos e trabalhos científicos avançaram na temática de gênero e sexualidade na esfera educativa, nos levou a ter um novo olhar para esse assunto, embora seja notória a resistência tradicional em nosso meio social. Por se tratar de um tema transversal, Ferreira e Willima (2023) salientam a ideia de que o gênero e sexualidade devem e, podem sim, ser trabalhados nas aulas de qualquer área de conhecimento, neste trabalho, consideramos a área de Língua Portuguesa.

Para as autoras Ferreira e Willima (2023), abordar proposições que discutam acerca de um tema tão importante e urgente para a sociedade atual. É uma maneira de garantir contribuições para a formação de um corpo social e estudantil pautado no respeito e tolerância ao próximo, e, como resultado, possibilitar uma educação sexual crítica por meio da linguagem no ambiente escolar.

É interessante destacar que, quando citamos educação sexual, na maioria das vezes o que se tem é uma ideia ligada somente ao aspecto biológico e reprodutor, discurso este defendido pelo sistema tradicional, mas que felizmente é rebatido, contrariado. Pois, quando falamos em educação sexual em sala de aula, estamos nos referindo a uma prática educativa que leva os alunos a conhecer melhor a si próprios, ao outro, a entender suas transformações corporais e mudanças identitárias ao longo de sua vida, a saber reconhecer um abuso sexual e evitá-lo, a garantir a redução da homofobia em sala de aula e fora dela, e ainda, compreender que as identidades de gênero e sexualidade são constructos sociais, forjadas no meio interativo. (Ferreira, Willima, 2023).

Seguindo esse posicionamento, Ferreira e Willima (2023, p. 5) asseveram que:

É importante que levemos à nossa prática docente e sustentemos a ideia de uma Educação Sexual Crítica justamente porque o adjetivo “crítica” qualificador do sintagma nominal “educação sexual”, mostra-nos a necessidade de que esse tema seja tratado com criticidade, rigidez teórica, reflexão, diálogo e debate. Nada do que fazemos em sala de aula pode estar isento, ou pretende estar isento, da promoção do pensamento crítico e reflexivo, e com a Educação Sexual não poderia, jamais, ser diferente.

É justamente nessa linha de raciocínio que alcançamos um resultado satisfatório, aplicando à nossa prática docente, seriedade e respeito para com qualquer temática que seja. E, no tocante às questões de gênero e sexualidade na sala de aula, em específico, nas aulas de

Língua Portuguesa, o tratamento não pode ser diferente, isto é, sem rigor crítico, social e reflexivo, pois a abordagem é possível.

Precisamos entender que o ensino de Língua Portuguesa vai muito além do que só ensinar regras gramaticais da norma-padrão, ele visa sobretudo o trabalho com a língua(gem) em seu uso real, aquela que nos acolhe e usamos como seres sociais, imersos em um sistema estruturado e discursivo, já que a língua é um fenômeno social, histórico, cultural, diverso, heterogêneo e comunicativo, atravessado por questões reais (Ferreira e Willima, 2023), e, na perspectiva deste trabalho, ela é atravessada por questões de gênero e sexualidade nas aulas de língua materna, por meio do livro didático.

É necessário vislumbrar e aderirmos a um ensino de línguas que tenha como base a tolerância, acolhimento e respeito para com a diversidade das identidades humanas, seja ela normativa, seja subversiva. E, pensando nisso, existem diversas pesquisas que tematizam e debatem a interface entre gênero e sexualidade atreladas ao ensino de Língua Portuguesa, as quais nos convidam a refletir e (re)pensar acerca de uma temática necessária nos dias de hoje.

Dentre esses trabalhos, podemos citar a pesquisa de Camila Passos Araujo Caparelli *et al.* (2018), intitulada: *Problematizando identidade de gênero e sexualidade a partir de narrativa de uma professora de línguas*, que tem como objetivo problematizar questões relativas às identidades de gênero e sexualidade, por meio da interpretação das narrativas de Bete, uma professora de línguas (português e espanhol), que ministra aula no Ensino Fundamental e Médio da rede pública de Goiás e que se identifica como lésbica.

A partir dessa pesquisa, constatou-se a urgência sobre a abordagem de temas concernentes às identidades de gênero e sexualidade, assim como da pluralidade de identidades subversivas dentro do contexto escolar, visando tolerância e respeito com performances identitárias que não seguem o padrão normativo.

Outra pesquisa é a de Jeferson da Silva Teixeira (2021), tendo como título, *Lições de gênero em livro didático de língua portuguesa: necessidades de estranhamentos*, objetivando, assim, compreender se as questões de gênero e sexualidade aparecem no ensino de língua portuguesa, tomando como base o livro didático do 3º ano do ensino médio, a fim de identificar um projeto performático interpelativo com função escolar-educativa e de sensibilização acerca da temática nas aulas de português.

Nesse sentido, verificou-se que os conteúdos sobre gênero e sexualidade estão presentes nas aulas de língua portuguesa, em específico no livro didático, mas não conduz o/a professor/a o trabalho em sala, ficando algo limitado à sua materialidade textual, um ponto que precisa ser mudado, pois observamos a necessidade dos professores possuírem uma formação para trilhar

essa jornada. Um exemplo disso é uma educação em Linguística *Queer*, em sua formação, para assim assumirem uma postura e atitude *queer*, preparando todo corpo estudantil a lidar com a pluralidade das identidades e tornar um ensino mais justo e inclusivo.

Ademais, outra pesquisa que trata desse tema é a de André Luis Moura de Uzêda (2023), intitulada, *Gênero, diversidade e ensino de língua portuguesa: para além do enclausuramento dos armários curriculares*, cuja finalidade é discutir a pertinência de gênero e sexualidade nos currículos praticados em aulas de língua portuguesa, algo de extrema importância social e educativa.

O autor conclui a sua pesquisa fazendo uma crítica e reflexão acerca da construção dos currículos da educação básica, em específico no ensino de Língua Portuguesa, quando a abordagem trata de gênero e sexualidade, já que é possível, sim, o trabalho dessa temática na aula de línguas, tendo em vista a existência de uma limitação ou negligência por parte dos documentos normativos.

Nesse sentido, a construção das grades curriculares é uma situação que precisa ser revisada e analisada para materializar currículos para além dos armários, das limitações que são impostas ao diálogo da pluralidade das identidades humanas que opõem-se ao sistema heteronormativo, promovendo, dessa maneira, uma formação comprometida com a valorização e respeito às minorias sociais, pois a escola é e deve ser sempre um espaço de educação humana e inclusão social.

A partir desses trabalhos científicos já desenvolvidos, podemos observar a importância e a necessidade do debate e discussão sobre questões identitárias e orientação sexual na educação básica, neste caso, no ensino de Língua Portuguesa, pois o gênero e a sexualidade são aspectos construídos discursivamente pelo viés da linguagem, pela interação comunicativa e social com o outro.

Assim, mediante o ensino de Língua Portuguesa é possível se promover um letramento *queer*, comprometido com o respeito à pluralidade identitária, adesão de posicionamentos críticos e reflexivos acerca de identidades subversivas, desconstrução de conceitos enraizados e, sobretudo, a promoção de uma educação aberta à diversidade pautada na inclusão e respeito.

Portanto, nesta seção discutimos um pouco sobre o desvelamento da transversalidade de gênero e sexualidade no âmbito educacional, visando um letramento *queer*, apresentando discussões teóricas e pesquisas científicas que permitem caminhos para a abordagem dessa temática em ambientes formativos, neste caso, no contexto de ensino de Língua Portuguesa, buscando desconstruir posicionamentos e discursos impulsivos e ofensivos contra um tema transversal de muita relevância na educação humana.

Feitas essas considerações, apresentaremos, na próxima seção, a metodologia utilizada para a realização e coleta de dados deste trabalho, pontuando o contexto da pesquisa, sua constituição e delimitação, e sobretudo, os procedimentos para as análises.

4 DESCRREVENDO O PERCURSO METODOLÓGICO

Esta seção tem como propósito apresentar e descrever o percurso metodológico da pesquisa, a fim de apresentar os elementos que nortearam o desenvolvimento deste trabalho monográfico. Para melhor entendimento e organização deste percurso a seção é dividida em subseções, na qual de início temos a subseção: **Contexto da pesquisa**, que tem embasamento em Gil (2019), ao retratar sobre a abordagem de pesquisa adotada nesta investigação científica; Marconi e Pacatos (2020), ao discutirem sobre o tipo de pesquisa aplicada.

Em seguida, a subseção: **Constituição e delimitação do corpus**, a partir da qual tratamos sobre a coletânea Multiverso-Linguagens, de Campos *et al.* (2020), bem como delimitamos os critérios de escolha do corpus, posteriormente, a subseção: **Procedimentos de geração e análises de dados**, fundamentada em Marconi e Lakatos (2020), ao tratarem sobre os procedimentos técnicos usados para a coleta e análise de dados.

4.1 Contexto da pesquisa

A classificação da pesquisa é um dos pontos fundamentais para uma produção acadêmica e científica satisfatória, já que, segundo Gil (2019, p. 24), “A tendência à classificação é uma característica da racionalidade humana. Ela possibilita melhor organização dos fatos e conseqüentemente o seu entendimento”. Desse modo, implica o reconhecimento das diferenças e semelhanças com outros tipos de pesquisa, pois cada pesquisa científica é diferente, possibilitando ao pesquisador respostas claras e decisivas para a solução dos problemas definidos em sua investigação.

Nesse sentido, partindo dos postulados de Gil (2019), as pesquisas científicas podem ser classificadas de acordo com sua área de conhecimento, sua finalidade, seus propósitos mais gerais e seus métodos empregados.

Sendo assim, esta pesquisa científica se classifica segundo a abordagem qualitativa, que visa à interpretação descritiva e analítica da temática analisada, focando no entendimento dos significados sociais, não se baseando em equações ou em dados numéricos, mas sim em compreensões aprofundadas sobre determinadas situações e acontecimentos que interferem de forma positiva na realidade, nos dando a possibilidade de encontrar possíveis soluções ou explicações para o ocorrido, já que visamos investigar o tratamento que é dado às questões de gênero e sexualidade nas aulas de Língua Portuguesa mediante o livro didático, verificando

desse modo, se o material em tela segue a perspectiva disciplinar, normativa e hegemônica ou uma leitura discursiva e crítica aberta à diversidade indenitária de sujeitos dissidentes.

De tal modo, dentro desse paradigma qualitativo, usamos a pesquisa bibliográfica e documental. Segundo Gil (2019), a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de materiais já produzidos, como, livros, artigos científicos, entre outros, que permitem, ao pesquisador, estudos descritivos da temática proposta. Já a pesquisa documental trata de uma modalidade que utiliza materiais originais, como jornais, revistas, arquivos e documentos institucionais. Para tanto, a pesquisa documental é frequentemente usada para complementar a pesquisa bibliográfica, trazendo uma perspectiva e visão histórica.

Partindo dos estudos do Marconi e Lakatos (2020), que norteiam sobre os tipos de pesquisa, retratam que a pesquisa bibliográfica agrega todo o material público já produzido acerca de algum assunto ou tema, desde trabalhos publicados, livros, jornais, artigos científicos, até os meios de comunicação oral, bem como filmes, programas e outros, cuja finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com seu objeto de estudo.

Já a pesquisa documental é uma investigação científica que tem diversos documentos como fonte de análise, sendo divididos em três variáveis: fontes escritas ou não, fontes primárias ou secundárias e contemporâneas ou retrospectivas que garantem uma análise crítica do assunto a ser explorado. Dentre esses três tipos de variáveis, este trabalho faz uso de fontes secundárias, já que usamos o livro didático para investigar a abordagem pedagógica quanto ao tratamento dado às questões de gênero e sexualidade, analisando e verificando se as representações ideológicas e culturais ainda estão enraizadas em um padrão cis-heteronormativo ou se o livro traz propostas indisciplinadas, dando visibilidade a outras performances identitárias.

Ademais, é importante ressaltar que o método utilizado, nesta pesquisa, é indutivo, dado que, segundo Marconi e Lakatos (2020, p. 82), “a indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados infere-se uma verdade geral ou universal”. Os métodos indutivos tendem a ampliar o alcance dos conhecimentos contidos, ou seja, se as premissas, hipóteses são verdadeiras, não significa necessariamente que a conclusão vai ser, pois existem dados que ainda precisam ser analisados, informações que não estavam implícitas nas referidas premissas.

4.2 Constituição e delimitação do *corpus*

A partir de reflexões acerca da linguagem, gênero e sexualidade, por meio da Linguística *Queer*, devemos reconhecer a importância dessa área que tem muito a contribuir nos estudos da linguagem, o que favorece a construção de conhecimentos e aquisição de novas práticas discursivas.

Sendo assim, escolhemos, para esta investigação, a análise do manual didático do 3º ano do Ensino Médio, *Multiversos: linguagens*, de Campos *et al.* (2020), a fim de investigar a construção de um projeto performático em torno da temática de gênero e sexualidade no contexto de ensino de língua portuguesa, sob o viés epistemológico da Linguística *Queer*.

A coletânea *Multiversos: linguagens*, produzida por Maria Tereza Rangel Arruda Campos, Lucas Sanches Oda, Inaê Coutinho de Carvalho e Rodolfo Gazzeta, foi publicada no ano de 2020 e busca auxiliar na formação do estudante, tornando-o um cidadão crítico e preparado para o mundo do trabalho.

Desse modo, a referida coleção é dividida em seis volumes, distribuídos de acordo com a série do Ensino Médio, ou seja, cada livro traz propostas e conteúdos distintos, em que temos dois livros para o primeiro ano, intitulados: *Cidade em pauta* e *Natureza em pauta*, dois livros para o segundo ano, intitulados: *Diversidade – lugares, falas, culturas* e *Identidades*, e, por fim, dois livros para o terceiro ano, intitulados: *Mundo do trabalho* e *Mundo dos afetos*.

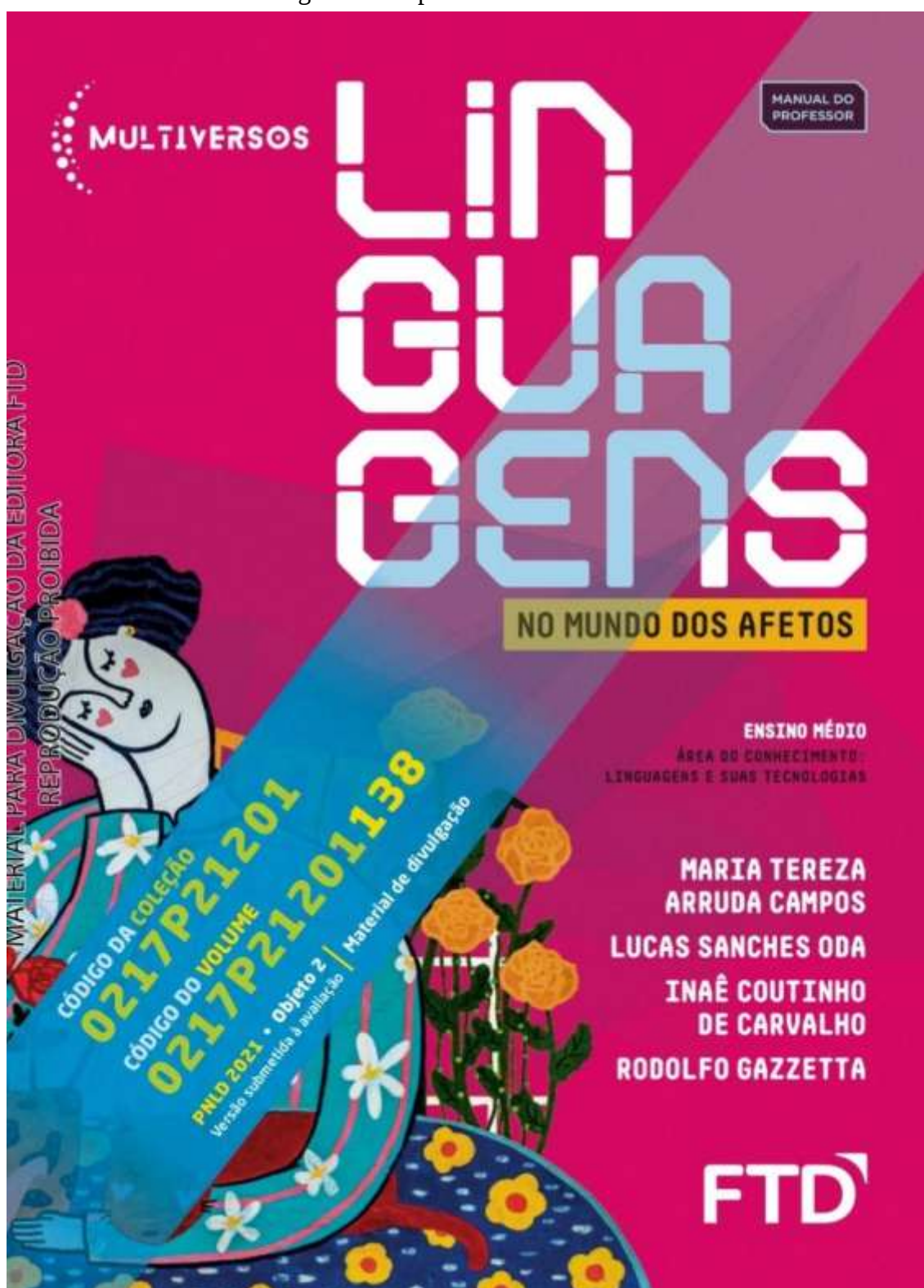
Dessa forma, tais livros apresentam temas que promovem discussões importantes para o exercício da cidadania, como: cidade, natureza, mundo do trabalho, mundo dos afetos, identidade e diversidade. Para refletir sobre essas questões, o estudante vai ler e produzir textos de diversos gêneros, orais e escritos, bem como fruir e se expressar em diferentes linguagens: visual, corporal, sonora e digital.

Além disso, as atividades dos livros sugerem variados níveis de interação: com os colegas, com a comunidade escolar e com uma comunidade ampliada, para que ele possa refletir sobre como as trocas e as ações afetam diferentes locais e pessoas.

Partindo da escolha do *corpus*, percebemos a necessidade de delimitá-lo, a considerar as dimensões do trabalho monográfico. Para tanto, selecionamos apenas o volume do 3º ano do Ensino Médio da referida coleção, intitulado: *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos*, considerando que o volume didático propõe uma abordagem sensível e crítica sobre o mundo dos afetos, promovendo reflexões que visam à formação de um sujeito ético, empático e consciente de seu papel na sociedade.

A seguir, apresentamos a capa do livro analisado nesta investigação científica.

Imagem 2 – Capa do livro didático



Fonte: *Multiversos: linguagens: mundo dos afetos* (Campos et al. 2020).

Estabelecemos, pois, dois critérios para a seleção e delimitação desse material:

- 1) **Ser direcionado ao 3º ano do Ensino Médio:** acreditamos ser esse um nível de ensino apto a receber conteúdos com temáticas sociais sensíveis às questões de gênero e sexualidade, sobretudo pelo preparo que os alunos buscam para a prova do ENEM, contexto que envolve leitura e escrita a partir de temas diversos, transversais e culturalmente sensíveis;
- 2) **A temática do livro em tela:** ao explorar temas como identidade, diversidade, relações interpessoais e respeito às diferenças, o conteúdo estimula o desenvolvimento de habilidades socioemocionais fundamentais para a convivência em uma sociedade democrática. Assim, chamou-nos à atenção a temática do material em consonância com a série, acima descrita, tendo em vista o subtítulo *Mundo dos afetos*. Inicialmente, hipotetizamos a possibilidade de haver alguma proposta didática, no livro, que pudesse evidenciar corpos dissidentes.

Ainda no âmbito da delimitação, desta pesquisa, serão selecionamos propostas didáticas do referido livro que apresentam abordagens e leituras relacionadas à proposta investigada, mediante as práticas de letramento direcionadas à leitura e escrita. Essas propostas incluem textos escritos ou imagens ilustrativas, buscando atender aos objetivos definidos para este estudo.

4.3 Procedimentos de geração e análise de dados

De acordo com os pressupostos teóricos de Marconi e Lakatos (2020), as técnicas de pesquisas são fundamentais para obtenção de resultados de qualidade e satisfatórios em investigações científicas, pois permitem, ao pesquisador, sistematizar, analisar e tornar possível a análise de dados de sua proposta, e como mencionado, anteriormente, usamos pesquisa bibliográfica e documental, cujos método e técnica utilizados são de caráter qualitativo para melhor entendimento e exploração dos dados.

Sendo assim, o levantamento de dados é um momento importante em uma pesquisa científica, pois visa recolher informações prévias sobre o assunto ou temática escolhida. Para tanto, para gerar os dados foi feita uma leitura exploratória e análise documental integral do livro, a fim de buscar propostas pedagógicas que retratassem, em sua composição, abertura para uma leitura discursivo-enunciativo pelo viés epistemológico *queer*, na abordagem de gênero e sexualidade nas aulas de Língua Portuguesa, viabilizando caminhos para mudanças sociais e práticas discursivas no tocante à existência e presença de identidades subversivas,

problematizando as normas regulatórias impostas pelo sistema heteronormativo e questionando o apagamento e silenciamento de identidades fora da norma padrão.

Considerando esses aspectos, selecionamos, no livro didático, algumas imagens ilustrativas e textos que, embora não abordem de maneira explícita e aprofundada as questões de gênero e sexualidade, possibilitam uma leitura sensível e afetiva. Esses elementos oferecem caminhos para a articulação e implementação da temática, garantindo visibilidade e escuta a identidades dissidentes, historicamente marcadas por processos de apagamento e negligência social. Essa foi uma tentativa de encontrar dados que dialogassem com a nossa proposta.

Cabe ainda destacar que o objeto de estudo aqui delineado se configura como múltiplo e heterogêneo, por não se restringir apenas às dimensões linguísticas ou da linguagem. Ele incorpora, de maneira positiva, pautas sociais de grande relevância, como as questões de gênero e sexualidade. Tal complexidade demanda uma abordagem indisciplinar e transdisciplinar, na medida em que atravessa e dialoga com diferentes áreas do conhecimento.

Feitas essas considerações sobre a metodologia da pesquisa, abordaremos, na seção seguinte, a concepção de gênero e a sexualidade no ensino de língua materna, por meio da perspectiva *queer* do livro analisado.

5 CONCEBENDO O GÊNERO E A SEXUALIDADE MEDIANTE PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A referida seção tem como objetivo conceber a temática de gênero e sexualidade no ensino de Língua Portuguesa, tomando como ponto de partida uma leitura discursivo-enunciativa, na perspectiva *queer*, das propostas pedagógicas do livro didático da coletânea *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos*, para alunos do 3º ano do Ensino Médio.

Sendo assim, a seção é dividida em partes, em que teremos a subseção: **O livro didático em apreço**, tendo como base, Silva (2020), ao abordar sobre a importância do livro didático como suporte pedagógico, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (doravante, PNLD) (2021), programa que promove a distribuição sistemática e gratuita dos livros nas escolas e informações sobre o livro a ser analisado.

Em seguida, temos a subseção: **A transversalidade da temática gênero e sexualidade pelo mundo dos afetos: entre afetos e silêncios**, realizando a leitura discursivo-enunciativa por meio da perspectiva *queer* das imagens e textos alinhados às referências da fundamentação teórica desta pesquisa.

Finalizamos com a subseção: **Discussões dos resultados**, na qual propomos uma reflexão crítica acerca do tratamento dados às questões de gênero e sexualidade, e ainda, comparamos os nossos achados com os de outras pesquisas, como estratégia argumentativa para verificar as relações entre distintos resultados em torno do assunto em tela.

5.1 O livro didático em apreço

Ao desenvolver estudos que utilizam o livro didático como instrumento de apoio pedagógico, é imprescindível considerar as políticas públicas que garantem seu acesso gratuito e com qualidade à comunidade escolar. Nesse sentido, destaca-se o PNLD, política educacional federal coordenada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que visa à democratização do acesso a materiais didáticos e pedagógicos no âmbito da educação básica.

O PNLD promove a distribuição regular e gratuita de livros didáticos e outros recursos educacionais a professores e estudantes das escolas públicas, contemplando todas as etapas e modalidades da educação básica, da educação infantil ao ensino médio. Além disso, o programa realiza periodicamente processos de avaliação, seleção e aquisição das obras, com base em critérios técnicos e pedagógicos definidos em editais públicos, a fim de assegurar a qualidade e a adequação dos materiais distribuídos na rede pública de ensino. (Brasil, 2021).

Dessa forma, o livro didático, de acordo com Silva (2020), é um dos materiais mais usados por docentes e alunos em sala de aula, utilizado como fonte de pesquisa e como orientação para a realização das atividades dos alunos. Por ser um objeto muito utilizado, é motivo de muitas polêmicas, principalmente por ser considerado um veículo para disseminação de ideologias, e também por ser considerado um limitador da autonomia e da criatividade do professor (Alvim, 2009, p. 9, *apud* Silva, 2020, p. 15).

Mesmo sendo bastante criticado e rejeitado por muitos, o livro didático continua sendo um aliado no processo de ensino e está cada vez mais presente nas salas de aulas brasileiras, uma vez que, em muitas escolas, o livro didático se apresenta como o único recurso didático para fomentar o desenvolvimento das disciplinas e também como o único material de leitura que os alunos têm acesso. Sendo assim, o livro didático é uma importante ferramenta no desenvolvimento da leitura e da escrita, sendo um facilitador no processo educativo.

Diante disso, sua importância é imprescindível, pois ele assume de forma relevante o processo de ensino-aprendizagem na escola, além de se apresentar como responsável pelo conhecimento adquirido pelos indivíduos. Ademais, segundo Silva (2020, p. 15), o livro didático “exerce papel importante na formação da cultura da escola, sendo o grande responsável pela informação e formação dos professores”. Isto é, o livro didático serve também como material de pesquisa e informação que é consultado regularmente pelos professores.

Em consonância com essa perspectiva, o livro didático constitui um recurso fundamental no contexto escolar desde os primeiros anos de escolarização. Desde o momento em que o aluno ingressa na sala de aula, esse material se apresenta como um suporte central para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, contribuindo significativamente para a aquisição de conhecimentos e informações.

Além disso, pode ser utilizado em atividades práticas, como recortes e colagens, conforme o nível de ensino e a proposta didática adotada. E, ainda, o livro didático também exerce o papel de mediador na relação entre professor e aluno, configurando-se como referência para a organização e condução do trabalho pedagógico.

Interessa-nos investigar um dos livros didáticos de Língua Portuguesa que compõe a coletânea *Multiversos: Linguagens*, de autoria de Maria Tereza Rangel Arruda Campos, Lucas Sanches Oda, Inaê Coutinho de Carvalho e Rodolfo Gazzeta (2020). Partindo dessa coletânea didática de livros, vamos analisar o manual didático do 3º ano do Ensino Médio, intitulado: *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos*.

O referido material didático propõe uma abordagem sensível e crítica sobre o mundo dos afetos, promovendo reflexões que visam à formação de um sujeito ético, empático e

consciente de seu papel na sociedade. Ao explorar temas como identidade, diversidade, relações interpessoais e respeito às diferenças, o conteúdo estimula o desenvolvimento de habilidades socioemocionais fundamentais para a convivência em uma sociedade democrática.

Além disso, busca preparar o estudante para os desafios do mundo do trabalho, incentivando a escuta ativa, o trabalho em equipe, a comunicação não violenta e a valorização das múltiplas linguagens e contextos culturais. Assim, o processo educativo se transforma em um espaço de construção de cidadania, em que o afeto e o conhecimento caminham juntos na formação de um cidadão crítico, reflexivo e socialmente responsável.

Partindo disso, teremos a seguir a apresentação de diversas imagens do livro didático, algumas sobre a organização da estrutura da obra, sobre as propostas pedagógicas, sobre as orientações do professor, e ainda, aquelas imagens nas quais realizamos a leitura discursivo-enunciativa pela ótica *queer*.

A seguir, apresentamos o sumário da obra, para conhecimento de sua organização interna:

Imagem 3 – Sumário do manual didático

Sumário	
Sequência 1	Como afeto, como me afeto
O que você tem sentido? 10	
Leitura 1 "Sentimento do mundo", Carlos Drummond de Andrade 11	
Leitura 2 "Tecendo a manhã", João Cabral de Melo Neto 12	
Leitura 3 "O amor venceu", Chacal 13	
Pensar e compartilhar 14	
#paraexplorar • O amor no decorrer dos tempos 17	
Pensar a língua • Recursos expressivos da linguagem poética 20	
Atividades 24	
#nósnaprática • Poema 27	
Afetos e troca social 30	
Leitura 1 "Vereador de Lisboa: 'É preciso fazer marketing com os Direitos Humanos. Vender como se vende um produto'", Catarina Marques Rodrigues e Nuno Patrício (RTP Notícias) 31	
Leitura 2 Peças da campanha "Somos os direitos que temos" 32	
Pensar e compartilhar 33	
Arte e publicidade: o som e a imagem do consumo 37	
Memória afetiva: quando um som te leva para longe "Só tem amor quem tem amor pra dar", Luís Carlos Sá e Guttemberg Guarabyra (Jingle) 37	
Pensar e compartilhar 39	
O rock rural e a contracultura afetam a juventude "Primeira canção da estrada", Sá, Rodrix e Guarabyra (Música) 40	
Pensar e compartilhar 41	
#paraexplorar : Voz, violão e gaita: as canções poéticas de protesto 42	
Quando a imagem do consumo vira arte Black Bean, Andy Warhol (Serigrafia) 44	
Pensar e compartilhar 46	
Quando a arte vira item de consumo Sem pensamento. Sem dúvida. Sem bondade. Sem prazer. Sem risada.; I shop, therefore, I am, [Eu compro, portanto eu sou], Barbara Kruger (Serigrafia) 47	
Pensar e compartilhar 48	
#nósnaprática • Jingle 49	
O corpo sensível na dança 51	
Leitura 1 Fotografias de cenas de dança 52	
Leitura 2 "Com físico talhado para o balé, Thiago Soares celebra 15 anos de carreira internacional", Debora Ghivelder (O Globo); "Aulas de balé clássico atraem até octogenários", Josy Fischberg (O Globo) 53	
Pensar e compartilhar 54	
#paraexplorar • Balés de repertório 55	
#nósnaprática • Os movimentos do balé 56	
» Para fazer junto • SARAU – Primeira etapa 59	
Sequência 2	Rede de afetos
Um grito paira no ar 60	
Leitura 1 "Abstrações poéticas", Mozileide Neri 61	
Leitura 2 "Meu drama", Maria do Socorro; 61	
Leitura 3 "Maremoto", Bárbara Leite 62	
Pensar e compartilhar 62	
#paraexplorar • Repentes 66	
Pensar a língua • As orações coordenadas e a produção de sentidos 68	
Atividades 71	
#nósnaprática • Slam 73	
As relações afetivas nas práticas corporais 77	
Leitura 1 Fotografias de skatistas 77	
Leitura 2 "Inclusão do skate nas Olimpíadas de Tóquio em 2020 divide opinião entre praticantes", Mateus Silveira (Portal Medium) 78	

Pensar e compartilhar	80
#paraexplorar • Exercícios de estabilização e força abdominal	81
#nósnaprática • Exercícios de equilíbrio	83
O hip-hop como resistência	84
O afeto como elo: hip-hop em	
AmarElo "Amar é um elo", Paulo Leminski; "A ordem natural das coisas", Emicida (Música)	84
Pensar e compartilhar	86
Origens do hip-hop no Brasil Capa do álbum <i>Preste atenção</i> , de Thaíde e DJ Hum; "Sr. Tempo Bom", de Thaíde e DJ Hum (Música)	88
Pensar e compartilhar	90
Trazer para o palco o que me afeta: Cindi Hip Hop Cena do espetáculo <i>Cindi Hip Hop – Pequena ópera-rap</i> ; Cartaz do espetáculo <i>Cindi Hip Hop – Pequena ópera-rap</i> , Grupo Bartolomeu de Depoimentos (Teatro)	92
Pensar e compartilhar	93
#paraexplorar • Voz feminina no rap	94
#nósnaprática • Batalhando o break	96
Os afetos inventados	101
Leitura Slides de divulgação da pesquisa "Prazer, somos a Geração Alpha!"	102
Pensar e compartilhar	104
» Para fazer junto • SARAU – Segunda etapa	109



Da necessidade de empatia

Afetar-se pelo afeto do outro	110
Leitura <i>Quarto de despejo</i> , Carolina de Jesus	111
Pensar e compartilhar	113
#paraexplorar • Perdas que nos afetam	117
Pensar a língua • Concordância e regência: entre a norma e o uso	120
Atividades	122

#nósnaprática • Entrevista retextualizada	125
---	-----

Seres humanos são animais afetivos

Leitura "O que é o afeto? Uma visão a partir de Spinoza", Luís Mauro Sá Matino	128
Pensar e compartilhar	130
Desenvolvimento humano por meio dos jogos coletivos	133
Leitura 1 Fotografia de final de jogo de vôlei feminino	134
Leitura 2 "Bernardinho dá dicas de como montar um time de sucesso", Indiara Oliveira (Agência Sebrae de Notícias)	134
Pensar e compartilhar	136
#paraexplorar • Vôlei, pesquisa e prática	137
#nósnaprática • Campeonato de vôlei	139

Jogando com o artista: deixando-se afetar pela arte

A matéria do invisível <i>Ondas paradas de probabilidade</i> , Mira Schendel (Instalação)	141
Pensar e compartilhar	143
Performance: o ato efêmero como arte <i>Rest energy</i> [Energia em repouso], Marina Abramović e Ulay (Performance)	144
Pensar e compartilhar	145
Quando a cena me convoca Cena da peça <i>Romeu e Julieta</i> , Grupo Galpão (Teatro)	146
Pensar e compartilhar	147
#paraexplorar • The Globe: a criação de um espaço cênico	149
#nósnaprática • Levando o público pela cena	151
» Ler • Ciências da Natureza e suas Tecnologias	152
Pensar e compartilhar	154
» Para fazer junto • SARAU – Etapa final	155
Competências e habilidades da BNCC citadas neste volume	156
Referências bibliográficas comentadas	160

Fonte: *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos* (Campos et al. 2020, p. 06-07).

A partir dessas imagens, podemos perceber toda a organização e planejamento da obra didática. O livro analisado é estruturado em três unidades didáticas com gêneros discursivos,

manifestações artísticas diversas e diferentes práticas corporais. Cada unidade é dividida em vários capítulos, seguidos de tópicos e subtópicos para melhor entendimento e explicação dos conteúdos.

No tocante à divisão das sequências, na primeira sequência intitulada: *Como afeto, como me afeto* vamos conhecer as diferentes formas de afeto e como elas produzem diversas e variadas emoções e sentimentos nos seres humanos. Na segunda sequência, vamos verificar que a referência aos afetos não acontece somente quando está ligada às produções poéticas, mas também quando está conectada à mídia, à publicidade, às pesquisas. Na terceira sequência é discutida a importância indispensável de conhecer o afeto do outro e ser solidário, exercitando o que chamamos de empatia.

E, ainda, logo no início de sua produção, o livro traz uma carta de apresentação, em seguida, uma apresentação geral de como o livro está estruturado, composto pelos seguintes elementos: **abertura do volume, sequências, temas, ler o mundo e sentir o mundo, pensar e compartilhar, para explorar, pensar a língua, nós na prática, ler e para fazer juntos**. Para cada um desses tópicos, citados anteriormente, os autores do livro trazem orientações do que deve ser feito e buscado.

Tendo em vista toda a organização do livro didático, a busca por questões de gênero e sexualidade aconteceu a partir da leitura de textos e imagens ilustrativas nas unidades didáticas que possibilitasse uma discussão pertinente sobre a temática aqui investigada: uma discussão explícita a partir do que o material trazia em sua materialidade linguística ou possíveis discussões implícitas para a abordagem da temática de gênero e sexualidade por meio da linguagem, evidenciando acolhimento ou rejeição social.

Outro ponto a ser destacado, é que o manual do professor da referida coleção do livro analisado traz orientações e estratégias didáticas de como o professor deve conduzir as atividades e exercícios propostos com seus alunos, possibilitando caminhos para discussões do conteúdo apresentado. Ademais, o livro traz, em sua composição, um conjunto de competências e habilidades alinhadas à BNCC.

Logo no início, nos deparamos com uma mensagem reflexiva sobre diversidade e sua importância para a construção de uma sociedade justa e inclusiva. Posteriormente, temos os objetivos propostos e a justificativa estabelecida da abordagem dos conteúdos na perspectiva das práticas de linguagens.

Tendo conhecimento da estrutura e organização do livro, iremos selecionar atividades didáticas que apresentem abordagens e leituras relacionadas à proposta investigada, mediante as práticas de letramento direcionadas à leitura e escrita. Essas unidades poderão incluir textos

escritos ou imagens ilustrativas, buscando atender aos objetivos definidos para este estudo, tal como evidenciaremos na seção subsequente.

5.2 Entre afetos e silêncios: a transversalidade versus (in)visibilidade da temática de gênero e sexualidade no livro didático

Ao propor uma análise que entrelace gênero, sexualidade e o mundo dos afetos, partimos do reconhecimento de que tais dimensões não são meros recortes temáticos, mas atravessamentos estruturantes das experiências humanas e, por isso, da própria linguagem.

Gênero e sexualidade, compreendidos a partir de uma perspectiva crítica e *queer*, não se limitam a categorias identitárias fixas, mas se desdobram em práticas discursivas, sociais e afetivas que produzem sentidos, subjetividades e modos de existência, como explorado nas seções anteriores deste trabalho. O mundo dos afetos, nesse contexto, não se apresenta como um espaço meramente emocional, mas como território político de reconhecimento, rejeição, pertencimento e deslocamento.

Pensar a transversalidade dessas temáticas é lançar um olhar analítico que se move para além dos binarismos normativos (homem/mulher, hétero/homo), buscando compreender como os afetos, enquanto forças de vínculo, exclusão e transformação, operam na constituição das subjetividades e das relações sociais. Os discursos sobre gênero e sexualidade estão impregnados de afetos — medo, desejo, vergonha, orgulho — e esses afetos moldam tanto os discursos quanto os corpos que deles participam.

No campo da educação e, mais especificamente, no ensino de língua portuguesa, o gesto de análise que aqui propomos, convida a uma leitura discursivo-enunciativa e crítica do texto e da imagem como materialidades significantes onde os afetos se inscrevem, revelando tensões, apagamentos e resistências.

A proposta é que possamos, a partir desse entrecruzamento, visibilizar os modos como identidades subversivas são (in)visibilizadas, silenciadas ou afirmadas no e pelo discurso, sempre atentos à dimensão afetiva que atravessa essas operações na sociedade. Trata-se, dessa maneira, de abrir espaço para escuta e interpretação de marcas afetivas no discurso, desnaturalizando o que se apresenta como dado e colocando em cena as potências políticas do afeto como instrumento de leitura crítica e emancipatória, visando letramentos críticos capazes de desconstruir preconceitos enraizados.

Partido dessa abordagem, analisaremos, a seguir, as quatro imagens da campanha “Somos os direitos que temos”, da Câmara Municipal de Lisboa, que oferecem material didático

rico para esse tipo de discussão. Por meio de seus recursos verbais e visuais, elas mobilizam discursos sobre direitos humanos, igualdade de gênero, diversidade e combate à violência, temas diretamente relacionados à luta *queer*, por reconhecimento e justiça social.

Vamos iniciar a discussão pela imagem 4, que trata sobre uma campanha publicitária:

Imagem 4 – Campanha: Somos os direitos que temos



CÂMARA Municipal de Lisboa – Somos os direitos que temos. Ephemera - Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira, 17 mar. 2018. Disponível em: <https://ephemeraapp.com/2018/03/17/camara-municipal-de-lisboa-somos-os-direitos-que-temos/>. Acesso em: 22 jul. 2020.

Fonte: *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos* (Campos et al. 2020, p. 32).

Na leitura do texto 1, podemos observar, no cartaz, um enunciado que se insere em uma formação discursiva ligada aos direitos humanos e à cidadania. Ele mobiliza sentidos que se pretendem universais, como igualdade, coletividade e justiça. No entanto, a perspectiva *queer* e os estudos de gênero ajudam a desnaturalizar essa suposta universalidade, mostrando que há sujeitos historicamente excluídos da categoria “humano”. Partindo disso, a metáfora das “mãos” sugere ação coletiva e responsabilidade compartilhada.

Contudo, quem são os sujeitos reconhecidos como capazes de exercer esse direito? Pessoas trans, não binárias, intersexuais, lésbicas, gays e outros corpos dissidentes que ainda enfrentam a negação de seus direitos em múltiplos contextos, inclusive nos ambientes escolares, em escolas públicas, privadas, institutos federais e até mesmo em universidades. A enunciação do cartaz, portanto, invisibiliza esses sujeitos ao tratar os “direitos humanos” como algo neutro, quando na verdade estão inseridos em disputas ideológicas. E, como Santos Filho (2020) nos fala, o enunciado tem força de construção identitária, e a construção que fica sustentada na imagem é de corpos tradicionais.

Apesar da diversidade racial sugerida pelas cores das mãos, não há sinalizações visuais ou verbais que remetem à diversidade de gênero e sexualidade. A ausência é também um marcador discursivo!

A leitura *queer* nos convida a perguntar: que corpos não aparecem? Quais identidades são silenciadas por esse discurso da inclusão universal? Desse modo, exigiria do professor e alunos uma postura *queer* mediante a esse assunto, algo que não aparece de forma explícita, mas que está oculto e implícito na abordagem da diversidade racial.

Nessa perspectiva, a leitura enunciativo-discursiva da imagem revela que o discurso de “direitos humanos” carrega contradições e exclusões, especialmente quando analisado a partir da perspectiva de gênero e sexualidade. O trabalho com esse tipo de material no ensino médio permite transformar a aula de Língua Portuguesa em um espaço de reflexão crítica, cidadã e inclusiva, formando leitores que saibam questionar os discursos que circulam na sociedade, envolvendo nesse caso, com base na BNCC, a competência geral 08 que embasa a formação crítica e empática dos sujeitos e a competência específica de linguagens 02 que direciona o trabalho com leitura crítica dos discursos sociais presentes na imagem ou texto (Brasil, 2018).

No entanto, apesar de ambas as competências estarem presentes no livro, a discussão acerca da imagem é voltada somente para a diversidade de raças, as múltiplas cores presentes em nosso meio, não abrindo espaço para a abordagem explícita de gênero e sexualidade.

A leitura do texto 2 é um enunciado de forte carga apelativa, ética e assume uma posição de denúncia. O sujeito enunciadador se coloca como porta-voz de uma coletividade e convoca o

leitor a uma resposta afetiva e racional. Ele se ancora na ideia de que os direitos humanos estão “nas nossas mãos”, propondo um engajamento ativo do sujeito-leitor. Para tanto, esse discurso está inserido na esfera dos direitos humanos e mobiliza a temática da violência doméstica.

A enunciação se ancora em um modelo relacional heteronormativo — amar não é magoar — sugerindo a denúncia de práticas abusivas frequentemente presentes em relações afetivas. Entretanto, o cartaz não especifica gênero, o que pode ser visto como estratégico (universalizante) ou como apagamento das experiências específicas de mulheres e sujeitos LGBTQIAPN+. O ensino crítico da Língua Portuguesa pode trazer à tona essas ausências e questionar: quem está representado nesse enunciado? Quem foi deixado de fora?

A imagem apresenta um gesto corporal (a mão erguida - linguagem não verbal) que, na teoria da performatividade de Butler (2003), pode ser lido como um ato político de resistência à norma. Esse gesto performa uma recusa: à violência, ao silêncio, à estrutura patriarcal. A frase “Amar não é magoar” invoca um tipo de amor que, pela tradição discursiva, remete ao modelo romântico e conjugal, predominante na heterossexualidade normativa. A ausência de indícios que rompam esse molde (como “amar entre mulheres”, “amar sendo trans”, “amar fora da monogamia”) silencia experiências *queer* de afeto e sofrimento. Assim, o amor que a imagem representa parece ser: normativo, heterossexual, monogâmico e conjugal.

A violência doméstica sofrida por pessoas trans, não binárias ou intersexo é com frequência praticada dentro do próprio núcleo familiar, especialmente quando há rejeição identitária. No entanto, esse tipo de violência não encontra espaço no discurso da campanha, o que reforça o apagamento de identidades subversivas.

A análise desse material em sala de aula, sob uma lente *queer*, permite deslocar o olhar do aluno: do “certo e errado” moralizante, para os efeitos de sentido dos discursos de gênero e afeto que operam na sociedade. No entanto, a discussão principal não está relacionada à violência doméstica contra identidades subversivas, o que fica explícito é um tipo de violência doméstica dentro do modelo tradicional e conservador, entre o homem e a mulher.

O texto 3, por sua vez, embora promova um discurso de acolhimento da diversidade, recorre a um universalismo abstrato que pode acabar apagando as especificidades de sujeitos subalternizados: pessoas trans, não binárias, intersexo, entre outras identidades dissidentes, como propõe Louro (2001) e Butler (2003).

A expressão “SOMOS IGUAIS”, embora carregada de valor humanista, não reconhece as desigualdades estruturais vividas por identidades *queer*. Ao afirmar a igualdade de forma totalizante, corre-se o risco de silenciar demandas específicas, como o direito à visibilidade de corpos trans ou à autodeterminação de gênero.

A imagem evita qualquer marcação explícita de gênero. Ainda que isso possa parecer inclusivo, a ausência de elementos que visibilizem a transgeneridade ou a não binariedade contribui para a naturalização do corpo cisgênero como padrão implícito. Ou seja: o corpo neutro, branco, sem traços de dissidência, é o que se torna visível, enquanto os corpos *queer* são novamente invisibilizados.

As mãos sobrepostas representam uma ideia de comunidade e solidariedade. No entanto, todas as mãos seguem um padrão físico reconhecível e normativo, não há pistas visuais e de contextualização que remetam a marcadores de identidade de gênero e sexualidade como vimos em Santos Filho (2020). Essa supressão reforça o argumento de que a imagem evita a representação de identidades transgressoras, optando por uma diversidade racial.

A imagem analisada, embora aparentemente inclusiva, sustenta um discurso de igualdade genérica que, à luz da perspectiva *queer*, pode resultar em apagamento de identidades subversivas, Louro (2001) e Butler (2003). Ao não representar explicitamente a existência *queer*, ela reitera uma política do “mais do mesmo”, que precisa ser questionada para que se atinja uma justiça representativa real.

No contexto do ensino de Língua Portuguesa, essa análise crítica oferece uma oportunidade de trabalhar linguagem, poder e identidade de forma transversal, ética e profundamente formativa para os estudantes, alinhadas também com a competência geral 08 da BNCC: “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.” (Brasil, 2018, p. 10); e a competência específica de linguagens 02: “Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores [...]”. (Brasil, 2018, p. 481). Contudo, o livro não permite a abertura para o diálogo da temática gênero e sexualidade, nem mesmo nas orientações do professor, limitando-se exclusivamente à abordagem da diversidade racial.

Na leitura do texto 4, a inscrição superior — “Os direitos humanos estão nas nossas mãos” — posiciona o sujeito coletivo da enunciação como agente da mudança. A frase principal — “A igualdade de gênero tem de passar das palavras” — reforça a necessidade de ação, mas permanece vaga: não especifica que ações são necessárias nem que identidades devem ser incluídas.

Assim, há uma generalização discursiva que pode mascarar exclusões. O texto verbal central propõe que a igualdade de gênero deve ultrapassar o discurso e se concretizar em ações. Essa proposta é válida, mas não problematiza as formas diversas de existir fora da

cisgeneridade. A igualdade aqui promovida opera sob uma lógica binária e integradora que tende a normalizar os corpos e identidades a partir de um eixo heterocisnormativo.

A teoria *queer* parte do princípio de que as identidades de gênero e sexualidade não são fixas nem naturais, mas construídas culturalmente, e que o sistema cisheteronormativo tende a invisibilizar ou marginalizar identidades que escapam à binariedade.

Na imagem, as duas mãos que se tocam simbolizam a união, o respeito e a empatia, mas estão marcadas por signos normativos, por exemplo, uma mão com unhas pintadas (feminilidade padrão), outra com pele mais escura e sem adornos, sendo pistas para interpretação masculina possível. Assim, o binarismo homem–mulher é mantido como referência de gênero, pois não há visibilidade de pessoas trans, pessoas não-binárias, pessoas intersexo ou de expressões de gênero dissidentes.

Dessa forma, a análise enunciativo-discursiva da imagem revela que, apesar de sua intenção inclusiva e seu caráter educativo, ela opera dentro de um modelo normativo e binário de gênero. Na perspectiva *queer*, esse tipo de representação pode ser criticado por apagar as identidades subversivas, mesmo ao falar de “igualdade”. Portanto, ao ser trabalhada no Ensino Médio, essa imagem deve ser problematizada criticamente, o que abre espaço para ampliação de vozes e corpos dissidentes, preparando os(as) estudantes para uma atuação mais consciente, ética e plural na sociedade.

Ademais, é importante destacar que apesar das imagens abordarem diversos problemas sociais por meio da campanha, o enfoque central é a luta contra o racismo e a busca pela igualdade de direitos, e isso se confirma definitivamente no exercício proposto para os alunos, com questões que os instigam a refletir sobre tal assunto que se faz presente não só em Lisboa, como também no Brasil.

A seguir, temos a imagem 5, referente a uma questão didática:

Imagem 5 – Proposta didática do livro

6. As peças que compõem a campanha apresentam mãos em diferentes posicionamentos. Copie o quadro a seguir em seu caderno e preencha-o com os sentidos produzidos pelas imagens e pelos textos verbais e a relação que estabelecem entre si.
Respostas e comentários nas **Orientações para o professor**.

		IMAGEM	TEXTO	RELAÇÃO
	Peça "Os direitos humanos estão nas nossas mãos"	As mãos em posições variadas indicam união e diversidade.	Indica que cada cidadão pode praticar ações em defesa dos Direitos Humanos.	As mãos e o texto sobre a participação de todos defendem a ideia de comunhão e de comunidade na luta pelos Direitos Humanos.
	Peça "Basta! Amar não é magoar"	A mão espalmada indica o sinal de pare.	O texto indica que o que se deve parar são práticas violentas, equivocadamente interpretadas como amor.	A mão e o texto indicam que a violência doméstica deve parar.
	Peça "Somos iguais"	As mãos unidas, posicionadas uma sobre a outra, simbolizam união e igualdade perante a diversidade étnica.	O texto reforça a ideia de igualdade entre as pessoas.	As mãos unidas e o texto reforçam a ideia de que não se deve ter preconceitos étnicos, pois todos são iguais.
	Peça "A igualdade de gênero tem de passar das palavras"	As mãos espalmadas unidas indicam união, respeito e participação.	O texto indica que a igualdade de gênero tem de ir além do discurso.	A igualdade de gênero só seria possível com a união e a prática de ações concretas contra esse tipo de desigualdade.

Fonte: *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos* (Campos et al. 2020, p. 33).

Como podemos observar na imagem 5, as questões, em nenhum momento, mencionam de maneira explícita e direta a temática de gênero e sexualidade sob uma ótica subversiva, o que sugere negligência a uma discussão pertinente e necessária no ambiente escolar. E, ainda, para reforçar essa questão da diversidade racial, trazem no *inbox* do livro o conceito de minorias que diz respeito a uma condição ou situação de desvantagem social por parte de grupos sociais – neste caso, os negros – aos direitos mais básicos do cidadão previstos no artigo 6º da Constituição Federal.

Um exemplo disso, é referente à questão 06, que leva os alunos a inferir suas interpretações sobre o assunto, descrevendo a seguir, em um quadro, os sentidos produzidos pelas imagens, pelos textos escritos e a relação que estabeleciam entre si, que seria a busca pela igualdade e demais direitos humanos, mas não abordam sobre a busca pela identidade humana.

A seguir, temos a imagem 7, que apresenta orientações ao professor.

Imagem 7 – Orientações para o professor

Afetos e troca social

Página 30

- Sugere-se que este tema seja desenvolvido, de forma prioritária, pelo professor com formação disciplinar em Língua Portuguesa, pois há o enfoque no desenvolvimento de habilidades de Língua Portuguesa e no trabalho com o gêneros textuais notícia e peça publicitária. Há espaço para o desenvolvimento de atividades paralelas de integração com outras áreas de conhecimento, as quais são sugeridas ao longo destas **Orientações**.

Fonte: *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos* (Campos et al. 2020, p. 208).

Outro ponto importante a ser notado nessa atividade do livro didático, são as orientações dadas ao professor, para discutir e elaborar as respostas. Orientações estas que seguem uma perspectiva essencialista fechada acerca da temática aqui proposta, mas aberta a outras áreas de conhecimento, bem como geografia e história, sendo uma falha que precisa ser revista e problematizada.

Como observamos na imagem 7, há um foco no desenvolvimento de habilidades de língua portuguesa e no trabalho com gêneros textuais e propagandas que levem os alunos não só a conhecer suas estruturas, mas também a refletir sobre o que está além da materialidade linguística. Nesse caso, a discussão acerca da diversidade racial, visando à luta contra o racismo. Entretanto, não garante o trabalho com a pluralidade identitária.

Feitas essas considerações, nos dirigimos para a análise da imagem 8:

Imagem 8 – O percurso de Thiago Soares no balé

Leitura 2

Texto 1

Com físico talhado para o balé, Thiago Soares celebra 15 anos de carreira internacional

Bailarino chega à maturidade artística e inicia nesta quinta pelo Teatro Municipal turnê de seu espetáculo 'Paixão'

   | Newsletters 

RIO – Até os 14 anos, Thiago Soares não sabia o que era um *plié*. Aprendeu rápido. Aos 17, em 1998, já entrava para o Teatro Municipal do Rio. Quatro anos mais tarde, mudou-se para o Royal Ballet de Londres, uma das mais tradicionais companhias de dança clássica do mundo, de onde viraria primeiro-bailarino em 2006. [...] Hoje, aos 34 anos e em plena maturidade artística, Thiago ostenta uma carreira tão estruturada quanto seu corpo. [...]

[...] Thiago, nascido em São Gonçalo e criado em Vila Isabel, só conhecia as evoluções do *break* e outras manobras da dança de rua até chegar à academia Centro de Dança Rio, no Méier.

— Eu não tinha noção de balé. Queria dançar jazz. E minha professora, Debora Bastos, viu algo em mim — conta Thiago, sentado no chão da academia onde começou e que agora abriga seus ensaios. O que a professora viu, de cara, foi um corpo longilíneo, talhado para o balé. [...]

— Entrei inseguro — diz Thiago. — Não fui eu que escolhi a dança, foi ela que me escolheu. Eu era um adolescente em momento difícil. Meus pais tinham se separado, eu passava por questões financeiras e emocionais. Fui abraçado pela dança.

Especialistas na área defendem que, além de uma facilidade extrema para saltar e executar giros, Thiago possui um biotipo próprio para o balé e *physique du rôle* para interpretar todos os princípios do repertório romântico. O físico, proporcional, de ombros alinhados com quadris, sempre foi seu maior ativo. Físico e postura, afinal, são valiosos. Na Escola do Teatro Bolshoi, em Joinville, por exemplo, a parte física é tão importante quanto a artística para a admissão de um bailarino.

— O aluno tem medidas tomadas, passa por avaliação postural e faz exercícios em que são observados a flexibilidade, os joelhos, o arco do pé, entre outras questões — explica Sylvana Albuquerque, que coordena a seleção na escola. — O biotipo ideal para o balé é o ectomorfo. Isto é, naturalmente magro, com baixo percentual de gordura e estrutura óssea estreita.

A altura também é um quesito considerado, como lembra Sylvana:

— Numa companhia internacional, a altura mínima para rapazes serem aceitos para uma audição é de 1,72 metro.

[...]

“Olhamos tudo: pé, perna, pescoço...”

Mas não foi só o corpo que levou Thiago a se destacar no palco, claro. Desde cedo, ele também chamou a atenção por ter a carga dramática necessária aos balés com narrativa. E acabou aclamado por papéis como os do dândi Onegin (do balé homônimo), dos príncipes Albrecht e Siegfried (de “Giselle” e “O lago dos cisnes”) e do guerreiro Solor, de “La bayadère”.

— Seu corpo era tão voltado à prática do balé que tudo saía bem. Mas o lado artístico dele também é muito bom. O Thiago tem carisma — diz Maria Luísa Noronha, diretora da Escola de Dança Maria Olenewa, do Teatro Municipal, que conheceu o bailarino ainda adolescente.

[...].

Sequência 1 • Como afeto, como me afeto

53

Para Ana Botafogo, além do corpo, Thiago soube usar o cérebro.

— Ele investiu em si mesmo. Tinha as aulas no Teatro e classes particulares — lembra Ana [...].

[...]

GHIVELDER, D. Com físico talhado para o balé, Thiago Soares celebra 15 anos de carreira internacional. Rio de Janeiro. **O Globo**, 8 jul. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/teatro/com-fisico-talhado-para-bale-thiago-soares-celebra-15-anos-de-carreira-internacional-16688530>. Acesso em: 24 jul. 2020.

Fonte: *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos* (Campos et al. 2020, p. 53).

O texto é produzido por um veículo de imprensa tradicional (O Globo), que ocupa uma posição de prestígio e legitimidade discursiva. O enunciador assume uma voz admirada, celebratória e institucional, narrando o percurso do bailarino Thiago Soares em tom elogioso,

o que já posiciona o sujeito do discurso dentro de uma moldura de reconhecimento e valorização social.

A construção do sujeito Thiago aparece de forma duplamente marcada: por um lado, como exceção no campo da dança (por ser homem e vir da periferia), por outro, como ideal estético normativo (branco, alto, magro, heteronormativo). Assim, a linguagem constrói o corpo de Thiago como compatível com os princípios do repertório romântico, enfatizando termos, como, físico proporcional, alongado, ombros largos, pescoço longo, pernas torneadas — marcadores que reforçam padrões de gênero e beleza historicamente eurocêtricos e heteronormativos. E assim, por meio da linguagem e das escolhas linguísticas das palavras, seguindo a proposta de Santos Filho (2020), percebemos que a construção identitária do bailarino segue a lógica binária da heterossexualidade, sendo um homem heteronormativo, branco e padrão dentro da categoria do gênero masculino.

A perspectiva *queer* propõe romper com as categorias normativas e essencialistas de identidade e expressão de gênero. No entanto, o texto reproduz uma concepção essencialista ao sugerir que Thiago teria sido “escolhido pela dança”, como se seu corpo fosse naturalmente adequado à arte do balé. O discurso se ancora em uma ideia de determinismo biológico e estético para justificar sua presença em um espaço historicamente elitizado e feminino.

Além disso, há a ideia de que o corpo masculino no balé precisa se adequar a uma funcionalidade que o legitime: força, alongamento, estatura, controle emocional. Isso pode ser problemático do ponto de vista *queer*, pois reforça o apagamento de corpos dissidentes (corpos femininos masculinizados, corpos trans, etc.), ao passo que idealiza um modelo masculino cisgênero e disciplinado como “corpo ideal para o balé”.

Embora o texto não negue diretamente outras formas de expressão de gênero, ele também não abre espaço para elas. O apagamento se dá por silenciamento: não há menção à diversidade de gênero e sexualidade no mundo da dança, nem mesmo a possibilidade de que homens no balé enfrentam preconceitos por desafiar padrões heteronormativos de masculinidade. A dança masculina é legitimada apenas quando o sujeito performa virilidade, força, autocontrole e adequação estética.

Esse silenciamento implica um apagamento das identidades subversivas: bailarinos gays, não-binários, e identidades trans. Na perspectiva *queer*, isso representa uma perda de potência expressiva, pois impede que outras narrativas corporais e afetivas sejam visibilizadas, como afirmam Louro (2001) e Butler (2003).

A seguir, temos uma imagem acerca das orientações para o professor.

Imagem 9 – Questões didáticas do livro.

4. O Texto 1 relata o percurso de Thiago Soares até tornar-se bailarino profissional. Quais são as principais características que fizeram com que ele se destacasse no universo da dança clássica?
5. O balé era somente praticado por membros da realeza e da corte no passado. Considerando a história de Thiago Soares e a foto do projeto Na Ponta dos Pés, ainda existe uma fronteira entre as classes sociais para a prática do balé? Por quê?
4. Um corpo que obedece aos padrões estéticos do balé, sua ligação forte com a dança e o investimento em si mesmo para desenvolver outro aspecto

Fonte: *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos* (Campos et al. 2020, p. 53).

Como exemplo disso, podemos perceber que as questões voltadas para o texto, em nenhum momento, mencionam ou citam algo relacionado diretamente às questões identitárias subversivas, o que evidencia um apagamento de identidades transgressoras no universo do balé. O que se sugere, por meio das questões, é que os alunos digam quais as características corporais que levaram Thiago Soares a se destacar no balé, fazendo referência a um corpo normativo e padrão, a uma lógica binária dentro da categoria de gênero masculino. A 5ª questão instiga os alunos a pensarem se ainda existem barreiras entre as classes sociais – burguesia e proletariado – para o exercício e prática do balé.

Sob o viés epistemológico da Linguística *Queer*, esse texto no ensino de Língua Portuguesa, no 3º ano do Ensino Médio, representa um potente ponto de partida para reflexões críticas. Algumas possibilidades didáticas seriam: Análise do discurso: estudo dos mecanismos linguísticos que constroem a imagem do sujeito masculino ideal e a naturalização de estereótipos. Leitura comparada: contrapor esse texto a outros discursos que tratam da diversidade de gênero e sexualidade na dança, permitindo desestabilizar as normas. Produção textual: propor reescritas do texto a partir de outras vozes (ex.: um bailarino gay, uma bailarina trans, etc.). E debate crítico: discutir com os alunos quais corpos são autorizados a ocupar determinados espaços artísticos e por quê.

Posto isso, essas possibilidades didáticas, por sua vez, podem ser alinhadas a algumas competências 1, 2 e 3 de Língua Portuguesa previstas na BNCC, como podemos evidenciar, abaixo:

Competência 1: BNCC (Brasil, 2018, p. 483):

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

Competência 2: BNCC (Brasil, 2018, p. 484):

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

Competência 3: BNCC (Brasil, 2018, p. 485):

Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

Atreladas a essas competências, referimos as habilidades da BNCC que dialogam com essa proposta, como:

EM13LGG101: Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos.

EM13LGG104: Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social.

EM13LGG105: Analisar e experimentar diversos processos de remediação de produções multissemióticas, multimídia e transmídia, como forma de fomentar diferentes modos de participação e intervenção social. (Brasil, 2018, p. 483).

Além dessas habilidades, citamos as seguintes:

EM13LGG202: Analisar os diálogos e conflitos entre diversidades e os processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e suas produções (artísticas, corporais e verbais), presentes na cultura local e em outras culturas.

EM13LGG302: Compreender e posicionar-se criticamente diante de diversas visões de mundo presentes nos discursos em diferentes linguagens, levando em conta seus contextos de produção e de circulação.

EM13LGG303: Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões manifestados, para negociar e sustentar posições, formular propostas, e intervir e tomar decisões democraticamente sustentadas [...]. (Brasil, 2018, p. 484-485).

O texto, embora celebre a trajetória de Thiago Soares, atua como um dispositivo discursivo que reforça normas de gênero e sexualidade, ao passo que silencia identidades

subversivas. A partir da perspectiva *queer*, torna-se evidente que há um apagamento de possibilidades outras, especialmente de corpos dissidentes. No espaço escolar, esse tipo de leitura crítica é fundamental para promover um ensino de Língua Portuguesa mais inclusivo, sensível às questões de identidade, corpo e representação.

Tendo em vista essas considerações, seguiremos para a análise da imagem 10.

Imagem 10 – Somos a geração alpha

4. Leia a seguir mais um *slide* do estudo, mais especificamente sobre as meninas da Geração Alpha.

COMPORTAMENTO ALPHA

MENINA PODEROSA

As meninas ampliam seu repertório não só de gostos quanto de gênero dos personagens, mas a maneira já não é vista somente em um de nós.

O INTERESSE POR FUTEBOL É SÓ UM COMEÇO...

87% Gostam de assistir ao futebol de futebol	60% Gostam de jogar futebol
41% Gostam de jogar futebol	24% Gostam de jogar futebol

INSPIRADAS NAS HERÓINAS, BUSCAM AVENTURAS TANTO QUANTO OS MENINOS...

Princesas: 56% (girls) vs 54% (boys)	Princesas: 56% (girls) vs 54% (boys)
Deuses do Torneio: 61% (girls) vs 60% (boys)	Deuses do Torneio: 61% (girls) vs 60% (boys)

IDENTIFICAM-SE COM MAIS ESTILOS ALÉM DO ROMÂNTICO

Super-heróis: 65% (girls) vs 71% (boys)	Super-heróis: 65% (girls) vs 71% (boys)
Monstros: 65% (girls) vs 63% (boys)	Monstros: 65% (girls) vs 63% (boys)

a) Que estereótipos são questionados pelos dados desse *slide*?

b) De acordo com a pesquisa, as meninas não deixam de gostar de princesas, mas ampliam seus gostos para outros elementos e outras referências. De que maneira essa informação justifica o subtítulo “Menina poderosa”?

5. Leia agora o *slide* dedicado ao comportamento dos meninos da Geração Alpha.

COMPORTAMENTO ALPHA

MENINO VERSÁTIL

Cresce a quantidade de pais que participam das funções de casa e da criação dos filhos. Essa nova referência de paternidade também está mudando o comportamento dos pais.

PERSONAGEM O QUE TEM QUE TER PARA SER LEGAL

Super-heróis: 95% (girls) vs 85% (boys)	Super-heróis: 95% (girls) vs 85% (boys)
Deuses do Torneio: 49% (girls) vs 46% (boys)	Deuses do Torneio: 49% (girls) vs 46% (boys)

COMEÇAM A NÃO CLASSIFICAR AS BRINCADEIRAS POR GÊNERO

Andar de bicicleta: 59%	Andar de bicicleta: 59%
Hand: 48%	Hand: 48%
Videogame: 44%	Videogame: 44%
Futebol: 18%	Futebol: 18%

a) De acordo com os dados apresentados, o que justificaria uma mudança no comportamento dos meninos?

b) Algumas mudanças questionam os estereótipos geralmente relacionados ao universo masculino. Que reflexos têm essas mudanças?

c) Tanto nesse *slide* quanto no que apresenta informações sobre as meninas, a pesquisa apresenta opções para cada item cujos números, se somados, passariam a quantia de 100%. O que isso indica com relação às possibilidades de resposta apresentadas pelas questões da pesquisa?

Fonte: Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos (Campos et al. 2020, p. 106)

A imagem 10 mostra dois slides de um estudo intitulado, “Prazer, somos a Geração Alpha”, com o recorte sobre comportamentos de meninas e meninos da nova geração. Os títulos “Menina poderosa” e “Menino versátil” não são neutros: funcionam como enunciados que constroem sentidos sociais e ideológicos sobre as identidades de gênero e suas transformações contemporâneas.

Nesse processo enunciativo, os dados estatísticos são utilizados como formas de legitimação discursiva para representar uma geração em que os padrões tradicionais de gênero são relativizados, mas ainda reconhecíveis e, muitas vezes, reforçados. Como aponta Santos Filho (2020), sobre o uso de marcas linguísticas, ao se usar, no título do slide, os substantivos “menino e menina”, o autor da proposta didática faz uma escolha linguístico-discursiva que apresenta a identidade dos sujeitos, sendo marcações que definem quais corpos ou sujeitos estão sendo representados, neste caso, sujeitos dentro da categoria binária homem/mulher.

Na perspectiva *queer*, como abalizam Lau e Borba (2019), ao desconstruir a rigidez dos binarismos de gênero e sexualidade, permite-se problematizar os limites das categorias “menina” e “menino” que ainda estruturam os slides. Quando se considera a desnaturalização dos papéis de gênero: as meninas, historicamente associadas ao mundo rosa, ao romantismo e à delicadeza, aqui aparecem interessadas por futebol (87%), por estilos não-românticos como o humor e o surf, e inspiradas por heroínas. Isso questiona o estereótipo da feminilidade passiva. Os meninos, por sua vez, mostram abertura para não classificar brinquedos por gênero (ex: andar de bicicleta, videogame), o que indica uma possível desarticulação da masculinidade normativa.

Apesar dos avanços, a própria divisão binária “meninas X meninos” mantém o sistema normativo, sendo que identidades trans, não-binárias e outras dissidências não aparecem. Isso configura um apagamento das identidades subversivas, justamente o que a perspectiva *queer* busca visibilizar. Ao não mencionar expressões de gênero dissidentes (meninos que se identificam com princesas, meninas trans, pessoas não-binárias etc.), o discurso reforça a ideia de que há apenas dois modos legítimos de existir: menina ou menino.

Desse modo, podemos perceber um discurso atrelado ao sistema trabalhista, ou seja, a linguagem e os dados do estudo revelam um discurso de inclusão atrelado ao consumo (menina poderosa, menino versátil), sugerindo que a superação de estereótipos também pode ser apropriada por lógicas de mercado capitalista.

Os slides apresentados revelam avanços na ampliação de repertórios de gênero, mas ainda estão presos a uma lógica binária que apaga identidades subversivas, como exige a crítica *queer*. O ensino de Língua Portuguesa, quando mobiliza essas leituras críticas, permite formar

sujeitos conscientes da performatividade da linguagem e do caráter político das representações, sendo um espaço potente para educação emancipatória e inclusiva, o que pode ser alinhada à competência geral 09 da BNCC: “Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos [...]”. (Brasil, 2018, p. 10); e a competência específica de linguagens 02, como já mencionada anteriormente (Brasil, 2018).

É importante frisar que esses slides são seguidos de exercícios que levam os alunos a refletirem aos estereótipos limitados a categoria de menina e menino, não permitindo espaço para uma discussão voltada para performances identitárias subversivas, pois o não dito, o não representado, também é um enunciado. O silêncio sobre as identidades que não seguem o padrão reforça a norma cis-heteronormativa.

Sob o viés *queer*, esses questionamentos podem ganhar uma discussão oposta àquela da proposta do livro – que é uma proposta alinhada à perspectiva tradicional que contempla apenas a categoria homem/mulher – bem como, sobre as meninas, a começar pelas perguntas da 4ª questão, iniciando com letra a). Sobre os estereótipos questionados, é útil para que estudantes identifiquem padrões culturais, e os corpos subversivos que podem estar ocultos, como o corpo trans. Em seguida, temos a pergunta da letra b), que destaca a ampliação dos gostos femininos além do universo das princesas – importante, mas ainda preso à lógica binária, sendo importante propor aos alunos que discutam quem está fora do binarismo apresentado.

Sobre os meninos, na questão 5ª, letra a) questiona-se o que justifica mudanças no comportamento masculino, e assim pode abrir o espaço para debater novas masculinidades e identidades subversivas, bem como homens trans, masculinidade afetiva, emocional e novos comportamentos e posicionamentos que são aderidos por estas identidades. Já a letra b) questiona os reflexos da quebra de estereótipos — interessante para discutir construção social e discursiva de gênero e sexualidade dentro do universo masculino, dando visibilidade para outra performance identitária, como, por exemplo, corpos dissidentes, a bissexualidade, a homossexualidade e outras. E a letra c), ao abordar o fato de os percentuais somarem mais de 100% — importante para mostrar que as identidades são múltiplas, plurais e não excludentes.

Embora os slides tragam avanços na representação de meninas e meninos fora de estereótipos clássicos, ainda há silenciamentos estruturais, como vimos nos posicionamentos de Louro (2001), Butler (2003). Ainda vale destacar que as orientações do livro seguem uma abordagem aos moldes do conservadorismo identitário, ao considerar somente o binarismo homem/mulher em sua discussão como propõem as alternativas citadas anteriormente.

Em oposição a esse tipo de postura e orientação, a ótica *queer* permite evidenciar esses apagamentos e propor problematizações e questionamentos desses discursos normativos, como defendem Lau e Borba (2019), para assim se propor um ensino de Língua Portuguesa que não apenas reflita a diversidade, mas também dê voz às subjetividades que escapam da norma.

Após essa explicação, partimos para a imagem 11:

Imagem 11 – Ícones como proposição didática do livro

8. Nos slides, há ícones que condensam e ampliam os sentidos produzidos pelo texto verbal.

a) Escreva em seu caderno o sentido de cada ícone, reproduzindo-os como no quadro a seguir.

Ícone	Sentido
	Espelho de Vênus, representa o feminino.
	Escudo de Marte, representa o masculino.
	Indica internet e conectividade global.
	Indica interação com amigos/pessoas.

10. Espera-se que os estudantes percebam que as pesquisas devem divulgar dados integrais em linguagem acessível, destacando os resultados mais relevantes, para que o leitor consiga fazer a leitura adequada dos resultados obtidos.

Fonte: *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos* (Campos et al. 2020, p. 108).

A imagem 11 compõe um material didático voltado à análise de ícones em slides, destacando como eles condensam e ampliam sentidos expressos pelo texto verbal. No quadro da atividade 08, os ícones apresentados são: Espelho de Vênus: representa o feminino. Escudo de Marte: representa o masculino. Globo: indica conectividade global. Duas figuras humanas: indica interação entre pessoas. O enunciado da atividade 08 solicita que os estudantes transcrevam o sentido de cada ícone conforme a tabela sugerida. Sentidos estes já mencionados anteriormente.

O objetivo aparente é fomentar o letramento visual e a compreensão da multimodalidade textual. No entanto, ela também oferece uma oportunidade pedagógica potente para discutir como os sentidos são produzidos ideologicamente por esses ícones. A atividade, ao não problematizar a escolha simbólica dos ícones nem abrir espaço para múltiplas identidades, corre o risco de naturalizar categorias de gênero excludentes.

Dessa maneira, uma abordagem crítica e *queer* poderia estimular os estudantes a reformular os sentidos, propor novos ícones e pensar em como símbolos comunicam normas sociais. Partido de tal posicionamento, a perspectiva *queer* se propõe a questionar categorias

fixas de identidade, como “masculino” e “feminino”, desestabilizando binarismos normativos, pois como defende Louro (2001) e Butler (2003), as categorias identitárias de gênero e sexualidade não são fixas e sim construções sociais e discursivas.

Assim, ao analisar essa imagem, percebemos que os ícones de Marte (♂) e Vênus (♀), tradicionalmente usados para representar homens e mulheres, reforçam uma lógica binária e biológica de gênero e de orientação sexual. Isso ignora ou apaga identidades não-binárias, trans e outras expressões de gênero dissidentes.

Na perspectiva *queer*, essa dicotomia pode ser lida como um apagamento discursivo de identidades subversivas, pois não contempla a multiplicidade de existências de gênero que fogem ao masculino e feminino heteronormativo. Assim, percebemos que o material não apresenta outros ícones ou sentidos que contemplem pluralidades identitárias (como pessoas não-binárias, intersexo, transgêneras ou *queer*). Isso reforça a invisibilidade dessas existências no discurso escolar, perpetuando uma normatividade silenciosa.

No contexto do ensino de Língua Portuguesa, é essencial propor leituras críticas de signos multimodais, como ícones e imagens, e incentivar a análise do discurso como prática social. Professores podem utilizar essa atividade como ponto de partida para: discutir os limites da linguagem simbólica; promover a reflexão crítica sobre os efeitos de sentido produzidos por ícones e categorias de gênero; ampliar os sentidos e promover a linguagem inclusiva como ferramenta de resistência e visibilidade. Desse modo, tais estratégias pedagógicas podem ser alinhadas à, segundo a BNCC, à competência geral 09 e à competência específica de linguagens 02, como já apresentadas anteriormente (Brasil, 2018).

É importante ressaltar que, para a realização dessa discussão, exige-se do professor uma postura *queer*, algo que na maioria das vezes, muitos professores de linguagens não têm ou ainda não se propuseram a buscar conhecimento sobre a temática de gênero e sexualidade para trabalhá-la em sala de aula, permitindo um letramento *queer*. Portanto, é fundamental tencionar tais representações, promovendo a inclusão de identidades subversivas no espaço discursivo escolar, preparando os alunos para uma leitura ética, inclusiva e socialmente engajada por meio da linguagem.

Feitas essas considerações, vamos analisar a imagem 12:

Imagem 12 – O afeto como construtor da experiência humana



Seres humanos são animais afetivos

Estratégias didáticas nas Orientações para o professor.

Nesta última Sequência, foram discutidos como os afetos podem ser compartilhados por meio da empatia e como essa postura empática pode colaborar para a criação de um mundo mais justo e igualitário, pautado pelo respeito ao outro.

Agora, é o momento de sistematizar e sintetizar todas as reflexões que foram propostas até aqui para que se evitem conclusões apressadas e generalizações acerca do tema deste volume. Muito embora seja difícil estabelecer uma definição exata e científica dos afetos e como eles produzem emoções e sentimentos, é possível fazer a sistematização baseada em argumentos e saberes previamente construídos.

As pessoas são afetadas por coisas que eventualmente sequer imaginam. Talvez aí esteja a riqueza da experiência humana: poder viver as intensidades desses afetos e se transformar a partir disso, assim como é possível afetar outras pessoas e transformá-las também.

Ler o mundo

Estratégias didáticas, respostas e comentários nas Orientações para o professor.

Até agora várias perspectivas do afeto foram discutidas, mas ainda não foram abordados os afetos que são deslegitimados e considerados proibidos ou negativos pela cultura.

1. Há afetos considerados negativos e até mesmo proibidos, que podem gerar culpa quando sentidos. Dê um exemplo de emoções como essas.
2. Quais seriam as consequências da repressão desses afetos?
3. Que afetos são reprimidos, dependendo do gênero da pessoa? Por que há essa repressão?

Fonte: *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos* (Campos et al. 2020, p. 128).

A imagem faz parte de um material didático que discute os afetos como constituintes da experiência humana. O texto se constrói como um enunciado pedagógico, orientado por uma voz enunciativa institucional, ou seja, o livro didático que se propõe a sistematizar reflexões sobre afetos no contexto educacional. Essa voz busca estabelecer um espaço de escuta e empatia, propondo que os afetos não sejam tratados como elementos irracionais ou secundários, mas como partes legítimas e naturais da experiência e da subjetividade humana.

Contudo, ainda que o texto traga avanços ao reconhecer os afetos como centrais, o referido texto faz essa abordagem de maneira relativamente neutra, sem questionar de forma explícita as normatividades de gênero e sexualidade que moldam a legitimidade ou a repressão de certos afetos.

Sob a ótica *queer*, o discurso afetivo presente nesse material pode ser problematizado por omitir as identidades dissidentes de gênero e sexualidade que sofrem com a deslegitimação de seus afetos. Por exemplo: a afetividade homoerótica, a expressão de carinho entre pessoas do mesmo gênero, ou mesmo a afetividade de pessoas trans, frequentemente são desautorizadas pela cultura normativa. Não há, no texto, nenhuma menção a como as normas heterocisnormativas regulam o que é ou não um afeto aceitável. Isso se constitui, como vimos em Louro (2001) e Butler (2003), em um apagamento de identidades subversivas, pois invisibiliza experiências que fogem ao padrão hegemônico de gênero e sexualidade.

Desse modo, a linguagem neutra do texto tenta universalizar a experiência afetiva humana, mas não reconhece que alguns corpos e identidades sofrem censuras específicas em função do modo como expressam seus afetos, pois, como vivemos em uma sociedade ainda marcada pelo tradicionalismo identitário, os afetos e emoções que fogem do padrão normativo não são aceitos ou respeitados.

As questões propostas no box são potentes para provocar a problematização crítica pelo viés epistemológico *queer*: “Há afetos considerados negativos e até mesmo proibidos, que podem gerar culpa quando sentidos. Dê um exemplo de emoções como essas.” Essa pergunta abre espaço para refletir sobre afetos como desejo, raiva, ciúme ou mesmo o amor homoafetivo, frequentemente vistos como “inadequados”.

No entanto, a atividade poderia ir além se explicitasse as dimensões de gênero e sexualidade como campos que regulam esses afetos. “Quais seriam as consequências da repressão desses afetos?” Aqui se pode trabalhar, na perspectiva *queer*, como a repressão de afetos dissidentes produz sofrimento psíquico, marginalização social e silenciamento identitário.

É uma oportunidade para promover letramentos *queer*, como vimos em (Louro 2001), acerca dos afetos sentidos por identidades subversivas. “Que afetos são reprimidos, dependendo do gênero da pessoa? Por que há essa repressão?” Essa pergunta é central para uma abordagem *queer*, pois permite discutir como meninos são ensinados a não chorar, meninas a não expressarem desejo, pessoas trans e não-binárias são privadas do direito de amar abertamente. A questão toca em um ponto crucial: a forma como a sociedade disciplina afetos com base em um binarismo de gênero. A seguir temos a imagem das orientações para o docente.

Imagem 13 – Orientações didáticas ao professor



- Sugere-se criar um ambiente acolhedor para essa conversa, auxiliando os estudantes a conseguirem expor com confiança e segurança suas crenças e experiências. Propõe-se verificar durante a conversa se há alguma manifestação de discriminação por parte da turma em relação a posicionamentos ou experiências dos colegas. Se necessário, amplie a discussão a fim de evitar possíveis constrangimentos.

Fonte: *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos* (Campos et al. 2020, p. 268).

Apesar das questões proporem uma discussão pertinente e necessária, as orientações do professor impostas pelo livro didático não seguem essa linha de raciocínio, pois estão fundamentadas a uma perspectiva essencialista do ensino de Língua Portuguesa, não abrindo caminhos para um debate acerca de afetos articulados as identidades subversivas como apresentado anteriormente, algo que seria diferente se fosse fundamentado pela ótica *queer*.

Desse modo, percebemos que as orientações usam uma linguagem que contemple apenas corpos normativos, seguindo uma lógica tradicional voltada somente para afetos sentidos por homem e mulher e que esse preconceito ou discriminação estariam voltados para os afetos que não poderiam ser sentidos pelo homem, como chorar ou demonstrar sua fragilidade e fraqueza, enquanto a mulher não deveria ser ignorante, agressiva ou bruta.

O texto é um ponto de partida produtivo, mas ainda carece de uma abordagem mais articulada e crítica, capaz de evidenciar as relações entre afetos, gênero, sexualidade, poder e linguagem. À vista disso, uma leitura *queer* do material propõe: incluir experiências afetivas não normativas no debate, reconhecer o sofrimento causado pela repressão institucional dos afetos dissidentes e valorizar as vozes e vivências de estudantes LGBTQIAPN+, trazendo representações mais plurais nos materiais e nas discussões em sala, em que podemos nos pautar na competência geral 09 e específica 02.

E, como habilidades da BNCC, poderiam ser trabalhadas:

EM13LGG203: Analisar os diálogos e conflitos entre diversidades e os processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e suas produções (artísticas, corporais e verbais), presentes na cultura[...].

EM13LGG204: Negociar sentidos e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos). (Brasil, 2018, p. 484).

Assim, o ensino de Língua Portuguesa pode se tornar um amplo espaço para letramento *queer*, em que o texto deixa de ser apenas conteúdo e passa a ser um dispositivo de resistência e transformação social.

Feitas essas considerações sobre as proposições didáticas do livro, seguiremos agora para os resultados e discussões encontrados.

5.3 Discussão dos resultados

Feitas as considerações acerca das análises, é perceptível de maneira muito clara a ausência do tratamento voltado para a abordagem da temática de gênero e sexualidade nas propostas pedagógicas do livro didático para o ensino de Língua Portuguesa. O uso da linguagem presente nas diferentes imagens e textos contempla apenas afetos e identidades que seguem os padrões normativos, promovendo enunciados que deixam à margem os corpos subversivos, aqueles que não se encaixam nas normas regulatórias impostas pelo sistema heteronormativo.

As escolhas linguístico-discursivas reforçam uma lógica binária de gênero, limitando a representação da diversidade identitária e afetiva existente na realidade dos estudantes. Esse silenciamento, em nosso olhar crítico, não é um descuido, mas um gesto pedagógico que promove o apagamento de sujeitos cuja existência desafia os padrões estabelecidos. Ignorar essas identidades nas práticas educacionais e, principalmente, nos materiais didáticos, é negar a legitimidade de suas vivências e afetos.

Toda identidade, normativa ou dissidente, carrega em si histórias, sentimentos, lutas e atravessamentos sociais. Quando uma proposta educativa desconsidera essa pluralidade, ela não apenas marginaliza, mas também fere o direito básico de existência, de expressão e de reconhecimento de sujeitos *queer*, que mesmo diante das violências simbólicas e institucionais, seguem resistindo para ocupar espaços na sociedade.

A linguagem, quando entendida apenas como um conjunto de normas gramaticais, limita seu potencial formativo. O ensino de línguas precisa ser compreendido como prática social potente, capaz de produzir sentidos, consolidar valores e também questioná-los. Nesse sentido, torna-se urgente problematizar os discursos presentes nos livros didáticos, especialmente quando eles reforçam silêncios ou excluem experiências dissidentes. A escola, enquanto espaço de formação ética e crítica, deve promover diálogos que acolham as diversas formas de existir, ampliando as possibilidades de identificação dos estudantes com os saberes escolares.

Embora a BNCC (Brasil, 2018) traga, de maneira formal, orientações que poderiam sustentar uma educação mais inclusiva e plural, como é o caso da Competência Geral 08 – que visa o respeito ao outro, à empatia e à valorização das diferenças – e da Competência Geral 09, que incentiva a defesa dos direitos humanos, da diversidade e da inclusão, essas diretrizes não se traduzem de forma efetiva no conteúdo dos materiais didáticos analisados.

Ainda que a Competência Específica de Linguagens 02 proponha a análise crítica das práticas de linguagem em contextos diversos e a defesa de valores definidos nos Direitos Humanos, ela também tem sua potência esvaziada quando os textos e imagens não apresentam representações plurais de gênero, sexualidade e afetividade.

Nesse mesmo movimento de fragilidade documental, observamos que o DCTMA (Maranhão, 2022a) e o Caderno (Maranhão, 2022b) para o Ensino Médio reconhecem, em sua formulação, a importância de abordar questões de gênero e sexualidade. Contudo, essa diretriz não se materializa no livro didático, o que aponta para um déficit entre as orientações curriculares e a prática pedagógica real.

Tal ausência representa uma falta grave no referido documento, pois impede que a escola exerça seu papel social de promover o reconhecimento da diversidade humana e o enfrentamento de preconceitos estruturais. É um reflexo de um sistema educacional que ainda resiste a promover uma educação verdadeiramente emancipatória, comprometida com a justiça social e com os direitos das minorias, ou seja, de sujeitos LGBTQIAPN+.

Nesse contexto, o ensino de língua assume um papel estratégico. Por meio da leitura crítica, da análise de discursos, da escuta ativa e da valorização das múltiplas vozes, é possível promover a desconstrução de sentidos cristalizados, enraizados culturalmente e abrir espaço para a emergência de novas narrativas, especialmente aquelas que partem de sujeitos historicamente silenciados.

A perspectiva *queer*, ao questionar as normas de gênero e sexualidade, oferece ao ensino de língua materna, um caminho potente de reflexão e ação pedagógica, tal como argumentam Ferreira e Williama (2023).

O letramento *queer*, nesse sentido, não é apenas um exercício acadêmico, mas um posicionamento ético e político que desafia os discursos excludentes, valoriza as existências dissidentes e reconhece a linguagem como campo de disputa e transformação, como argumenta Louro (2001).

É também uma prática educativa transformadora que deve ser buscada por profissionais que não têm conhecimento, assumindo, assim, uma postura *queer* mediante o trabalho com

gênero e sexualidade nas aulas de Língua Portuguesa, a fim de garantir o acolhimento e a formação social de estudantes respeitosos abertos à pluralidade identitária.

A abordagem sobre gênero e sexualidade no ensino de Língua Portuguesa aos poucos vem ganhando força, sendo objeto de estudo para o desenvolvimento de várias pesquisas, inclusive esta, tomando como ponto de análise as propostas pedagógicas do livro didático, possibilitando uma chamada, uma revisão crítica do material e um olhar inclusivo para uma temática indispensável na educação humana.

No tocante a esse posicionamento, citamos os resultados de pesquisas para evidenciar essa revisão e construção de novas estratégias pedagógicas.

Quadro 2 – Síntese de resultados

REFERÊNCIA	OBJETO DE ANÁLISE	SÍNTESE DOS RESULTADOS
Resultados desta pesquisa (2025)	<i>Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos (2020)</i>	Os resultados revelaram o apagamento e silenciamento de identidades subversivas.
Teixeira (2021)	<i>Língua Portuguesa – Linguagem e Interação (2016)</i>	Os resultados demonstram que a temática de gênero e sexualidade aparecem na proposta do livro, mas o professor não conduz essa discussão em sala.
Alixandrino (2021)	<i>Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso (2016)</i>	Os resultados mostram que o tratamento dado às questões de gênero e sexualidade estão ligados à cultura dominante e hegemônica, cujos os conteúdos seguem uma perspectiva essencialista, valorizando corpos normativos.
Garcia; Barros (2020)	<i>Português linguagens (2015)</i>	Constata-se que o tratamento dado às questões de gênero e sexualidade seguem uma visão heteronormativa.
Marcuschi; Ledo (2015)	<i>Português nos dias de hoje e Projeto Teláris: Português(2012)</i>	Por meio do estudo, foi possível constatar que as propostas dos livros didáticos ainda seguem uma abordagem tradicional.

Fonte: pesquisa direta.

Feitas essas considerações sobre os resultados dessas pesquisas, percebemos que o tratamento dado às questões de gênero e sexualidade nos livros de Língua Portuguesa de

diferentes coleções, ainda é, infelizmente, ancorado em uma perspectiva tradicional e conservadora.

Isso revela que obras didáticas fechadas ao diálogo da temática aqui propostas apagam identidades subversivas que fogem da norma padrão. Ademais, o que fica evidenciado é um déficit alarmante no âmbito educacional na busca por uma educação justa, que precisa ser combatido, questionado e superado, e, assim, possa promover um ensino justo, inclusivo e plural.

Portanto, a superação do silenciamento de identidades subversivas no ambiente escolar exige não apenas a revisão crítica dos materiais didáticos, mas também a disposição para construir práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade, a equidade, a justiça social e a busca também por parte dos profissionais sobre o assunto. O ensino de Língua Portuguesa, quando orientado por essa perspectiva, deixa de ser uma trajetória de reprodução e passa a ser um caminho de formação e educação humana.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das investigações realizadas sobre o tratamento dado às questões de gênero e sexualidade sob o viés epistemológico da Linguística *Queer*, reiteramos a relevância dessa perspectiva teórica nos estudos da linguagem e sua potência enquanto ferramenta crítica e transformadora.

A Linguística *Queer* não apenas tenciona os paradigmas tradicionais da análise linguística, mas também contribui com um novo espaço semântico-pragmático, a partir do qual práticas discursivas indisciplinadas se tornam possíveis. Essa abordagem evidencia o papel central da linguagem na construção de novos saberes, na desconstrução de normas rígidas de identidade e na promoção de práticas sociais mais inclusivas, particularmente em prol das minorias de gênero e sexualidade que, historicamente, foram silenciadas ou invisibilizadas no espaço escolar.

Assim, reconhecemos que o ensino de Língua Portuguesa, ao se apoiar em práticas discursivas fundamentadas em uma perspectiva *queer*, pode funcionar como um campo produtivo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e sensível à pluralidade identitária.

Por isso, é imperativo que os livros didáticos utilizados no Ensino Médio sejam concebidos e selecionados com base em propostas interdisciplinares que abram espaço para o debate efetivo sobre gênero e sexualidade. A mera menção aos temas não é suficiente, é preciso que esses materiais didáticos assumam um compromisso ético e pedagógico com a diversidade, propondo atividades que estimulem o diálogo, promovam o respeito e contribuam para a formação de sujeitos capazes de conviver em uma sociedade democrática e plural.

Outro ponto a ser destacado, é a retomada ao nosso objetivo geral que foi alcançado, no tocante a investigar o tratamento dado às questões de gênero e sexualidade no livro didático do 3º ano do Ensino Médio, ficando evidenciado um apagamento e silenciamento de identidades dissidentes, presentes no conteúdo do referido material. Esse resultado se coaduna com os desdobramentos de nossas hipóteses, antevistas no início da pesquisa.

Desse modo, retomamos e confirmamos a hipótese geral apontada no início de nosso trabalho: a) a abordagem dada às questões de gênero e sexualidade ainda hoje, infelizmente, privilegia em sua maioria performances corporais e identitárias pautadas no sistema heteronormativo, suprimindo outras possibilidades e maneiras de viver o gênero e sexualidade, abordagem esta que se faz presente no livro didático *Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos*, de Campos *et al.* (2020).

Partindo disso, retomamos outra hipótese: b) as performances identitárias atreladas à diversidade ainda se veiculam de forma muito tímida ou na implicitude em algumas atividades de interpretação e produção textual, pelo fato da temática de gênero e sexualidade ainda constituir-se em um “tabu”, no ambiente escolar. Essa hipótese também se confirma, ao evidenciarmos que o tabu sobre gênero e sexualidade ainda impõe limites às práticas pedagógicas, comprometendo a visibilidade e expressão plena da diversidade identitária no espaço escolar, embora documentos que regulam a educação abram espaços para uma discussão mais crítica e reflexiva em sala de aula.

Retomamos a próxima hipótese levantada: c) deduzimos que o livro didático talvez apresente uma abordagem disciplinar de performances identitárias que contemple a heterossexualidade, prevalecendo, assim, discursos hegemônicos que repudiam (ou deixam de fora) outras identidades de gênero e sexualidade. Confirmamos, portanto, essa hipótese, que, infelizmente, é notável nas proposições das atividades, já que em nenhum momento são mencionadas identidades fora da norma padrão da sociedade.

Em seguida, retomamos a última hipótese: d) acreditamos que o manual do professor ainda sugere orientações fechadas ao diálogo referente à diversidade de gênero e sexualidade, de forma a não viabilizar uma postura *queer* na construção de novos saberes e na condução de uma educação mais justa, igualitária e tolerante mediante o livro didático. Com os resultados, também confirmamos essa hipótese. Isso é injustamente presente no livro, como podemos perceber nas imagens de algumas orientações para o professor, anexadas na seção de análise deste trabalho. Orientações fechadas e disciplinares que não permitem uma discussão pertinente, em sala de aula, em torno da temática.

Perante a confirmação de nossas hipóteses, e também já respondendo aos nossos questionamentos que configuraram o nosso problema de pesquisa, topicalizamos os resultados que esta pesquisa nos permite evidenciar diante de um gesto de análise *queer* do livro *Multiverso: linguagens: no mundo dos afetos*:

- i. **Hegemonia da heteronormatividade:** o livro didático privilegia majoritariamente performances identitárias pautadas no sistema heteronormativo, suprimindo outras formas de vivenciar o gênero e a sexualidade.
- ii. **Invisibilidade de corpos dissidentes:** as performances identitárias atreladas à diversidade *queer* são silenciadas via apagamento das múltiplas vozes que as representam.

- iii. **Reprodução de discursos hegemônicos:** o livro apresenta uma abordagem disciplinar que contempla sobretudo a heterossexualidade, silenciando ou excluindo identidades dissidentes de gênero e sexualidade nas propostas de atividades que envolvem leitura e produção textual.
- iv. **Limitação nas orientações dadas ao professor:** as orientações sugerem orientações fechadas ao diálogo, não favorecendo uma perspectiva crítica ou uma postura *queer*. Isso dificulta o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas, comprometidas com uma educação justa, igualitária e tolerante.

Esses resultados no levam a várias reflexões. Pensar em conteúdos de gênero e sexualidade normativos presentes em atividades didáticas é muito fácil, visto que é algo transmitido historicamente na manutenção de uma sociedade conservadora e tradicional, mas por que deve ser difícil incluir nessas discussões identidades subversivas?

Pensamos que o difícil não é impossível, o que acontece é que a construção do sistema educacional, em específico dos documentos orientadores, não são construídos de maneira coletiva e nem pensando em todos os grupos sociais, e sim pela classe heteronormativa que não aceita ser contrariada e que acaba negligenciando outros sujeitos ou comunidades, por meio de propostas didático-pedagógicas ideológicas em materiais de ensino.

Diante disso, precisamos repensar nosso sistema de educação e torná-lo melhor, mais inclusivo, pois toda identidade, normativa ou subversiva, envolve um corpo humano, uma história carregada de muitas vivências e superações que têm todo o direito de ser e existir como se sente bem. São vozes que merecem ser ouvidas, acolhidas, e sobretudo, respeitadas e que se sintam seguras, amadas e pertencentes a todo e qualquer lugar que desejam estar e ocupar, pois tudo muda e se transforma.

Defendemos, portanto, que os órgãos reguladores e orientadores da educação brasileira, como a BNCC (Brasil, 2018), o DCTMA (Maranhão, 2022a) e os Cadernos de Orientações Pedagógicas da SEDUC (Maranhão, 2022b), avancem na efetivação de seus discursos sobre gênero e sexualidade, garantindo que essas temáticas estejam devidamente contempladas e implementadas nos livros didáticos e nos planejamentos curriculares das escolas públicas. É necessário que tais documentos deixem de ser apenas normativos ou orientadores em um nível teórico e passem a exercer o impacto prático e transformador no cotidiano escolar.

Ademais, é imprescindível que o corpo docente esteja preparado e engajado na construção de práticas pedagógicas que dialoguem com as questões *queer*. Para isso, é preciso que os(as) professores(as) busquem constantemente formação continuada e se disponham a adotar uma postura crítica e acolhedora frente às identidades que desafiam a norma.

A adesão a uma postura *queer* por parte do professor de Língua Portuguesa implica reconhecer que a linguagem é sempre atravessada por relações de poder e que o ensino pode e deve ser um espaço de questionamento das verdades hegemônicas que marginalizam e excluem.

Essa postura crítica e inclusiva se revela fundamentalmente para desconstruir visões preconceituosas e intolerantes, muitas vezes naturalizadas no ambiente escolar, e na aquisição de práticas discursivas pautadas no respeito às diferenças. O livro didático, nesse sentido, assume uma função estratégica, ao ser, muitas vezes, o único recurso pedagógico disponível nas escolas, ele pode tanto reproduzir uma lógica cis-heteronormativa excludente quanto se transformar em instrumento de ruptura e resistência, desde que concebido com intencionalidade crítica e política.

Sendo assim, defender que o livro didático traga textos e atividades que problematizem as normas de gênero e sexualidade é lutar por uma escola que reconheça e acolha as múltiplas formas de ser e existir, não silenciando ou apagando identidades subversivas. É reivindicar uma educação linguística comprometida com a democracia, com os direitos humanos e com a equidade social. É também compreender que a construção de uma sociedade mais justa passa, necessariamente, pelo reconhecimento da diversidade e pelo enfrentamento de discursos que negam a existência do outro. Que os livros não estejam limitados à lógica binária do rosa e azul, mas que tragam, em suas páginas, o colorido das múltiplas identidades e experiências que compõem o tecido social.

Acreditamos no avanço. E o nosso papel, com este trabalho, foi registrar e mostrar o silenciamento dessas vozes. Talvez este seja um bom começo ou a continuidade do que muitos já estão defendendo na academia, no intuito de tencionar e chamar a atenção para algo tão urgente.

Portanto, levantar essa pauta no contexto educacional é reafirmar o direito à liberdade de expressão, é promover o respeito às subjetividades dissidentes e, sobretudo, é afirmar o poder transformador da linguagem na ressignificação do mundo. Ao permitir que novas narrativas ganhem espaço, contribuímos para o surgimento de uma escola mais sensível às questões sociais, mais comprometida com a cidadania e mais preparada para formar sujeitos críticos, éticos e conscientes de seu papel na construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, equitativa, consciente e plural.

REFERÊNCIAS

- ALIXANDRINO, José Ariosvaldo. **Performances de identidades de gênero em livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio – PNLD/2018-2020**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis – GO, 2021. Disponível em: <https://www.bdt.d.ueg.br/handle/tede/1491>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- BORBA, Rodrigo. Linguística *queer*: uma perspectiva pós-identitária nos estudos em linguagem. **Revista Entrelinhas**, v. 9, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/download/10378/4862/34785>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Guia de políticas do Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD. Brasília, DF: FNDE, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro>. Acesso em: 24 abr. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/bncc-2013-ensino-medio>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- CAMPOS, Maria Tereza Rangel Arruda; *et al.* **Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos** – 1. ed. – São Paulo: FTD, 2020.
- DAL’IGNA, Maria Cláudia; SCHERER, Renata Pocher; CRUZ, Éderson da. Gênero, Sexualidade e Formação de Professores: uma análise a partir da Produção Acadêmica da ANPED. **Revista da Faculdade de Educação da UFG**, v. 42, n. 3, dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/48941>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- FERREIRA, Bianca Isabela Acampora e Silva; WILLIMA, Kleverson Gonçalves. Gênero, Sexualidade e Ensino: por uma educação sexual nas aulas de Língua Materna. **Revista Verum**, v. 2, n. 3, set./dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/revistadeiniciacaocientifica/article/view/444>. Acesso em: 14 fev. 2025.
- FRANZO, Giovanna Gallinari; MIRANDA, Nayara Carolino; CHOTOLLI, Wesley Piante. Gênero e Sexualidade no cotidiando escolar : um estudo de caso sobre a visão de uma gestora escolar. **Revista Gesto e Debate**, v.23.n.7, p.140-163, Campo Grande – MS, jan/dez 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/gestodebate/article/view/17972>. Acesso em: 22 mai. 2025.

- GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes; BARROS, Cristina Terezinha Borges. Relações de gênero e sexualidade: uma análise do discurso dos livros didáticos. **Revista Contexto & Educação**, v. 38, n. 120, jun. 2023. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/9149>. Acesso em: 27 de nov. 2024.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GUIMARÃES, Eduardo Barbosa de Menezes; *et al.* Projetos pedagógicos de curso em análise: gênero e sexualidade na formação docente. **Educação em Revista**, v. 39, p. 1-22, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/4MSKk9KvhFjccY4XxDPw6bK/>. Acesso em: 28 de nov. 2024.
- LAU, Héilton Diego; BORBA, Rodrigo. Conhecendo a Linguística Queer: entrevista com Rodrigo Borba. **Revista X**, v. 14, n. 4, set. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/66070>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, H. B. de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma perspectiva pós-identitária para a Educação. **Revista de Estudos Feministas**, ano 9 p. 541-553, jun./dez. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkt9BXvLXvTvHMr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 nov. 2024
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/116719/mod_resource/content/1/LOUROGuacira-L._O-corpo-educado-pedagogias-da-sexualidade.pdf. Acesso em: 28 nov. 2024.
- MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. Documento curricular do território maranhense: ensino médio. Maranhão: Secretaria de Estado da Educação. São Luís, 2022a. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/novo-ensino-medio-descontinuado/pdfs/RCSEEMA.pdf>. Acesso: 22 jul. 2025.
- MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. Caderno de orientações curriculares para o ensino médio da rede estadual do Maranhão / Maranhão, Secretaria de Estado da Educação. — São Luís, 2022b. Disponível em: <https://www.educacao.ma.gov.br/wp-content/uploads/2023/02/CADERNO-DE-ORIENTACOES-CURRICULARES-PARA-A-REDE-ESTADUAL-.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2025.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 8º ed. São Paulo: Atlas, 2020.

MARCUSCHI, Elizabet; LEDO, Amanda Cavalcante de Oliveira. Representações de gênero social em livros didáticos de língua portuguesa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 149-178, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbla/a/5vQFVrf66mstnkr4rdqDx8S/?lang=pt>. Acesso em: 27 nov. 2024.

MOITA LOPES, Luís Paulo da. **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. Caderno de orientações curriculares para o ensino médio da rede estadual do Maranhão. São Luís, MA: SEDUC-MA, fev. 2022. 184 p. Disponível em: <https://www.educacao.ma.gov.br/wp-content/uploads/2023/02/CADERNO-DE-ORIENTACOES-CURRICULARES-PARA-A-REDE-ESTADUAL-.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2025.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. Documento curricular do território maranhense: ensino médio. São Luís, MA: SEDUC-MA, 2022. Disponível em: <https://www.educacao.ma.gov.br/wp-content/uploads/2022/04/DCTMA-Ensino-M%C3%A9dio.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2025.

NASCIMENTO, Rafael de Sousa Lopes. Reflexões sobre gênero e sexualidade: a formação de professores de inglês para as realidades LGBTQIA+. **Revista Trem de Letras**, Alfenas/MG, v. 9, n. 2, ago. 2022. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/1674>. Acesso em: 28 nov. 2024.

NEVES, André Luiz Machado das; SILVA, Iolete Ribeiro da. Significações do Protagonismo dos/das professores/as na -igualdade de direitos a população lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT). **Revista INTERthesis**, Florianópolis, v. 14, n. 2, maio/ago, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2017v14n2p93>. Acesso em: 28 nov. 2024.

RÊGO, Tânia. Violência verbal atinge 9 em cada 10 estudantes LGBTQIAPN+ nas escolas. **Revista Cenarium**, 17 jul. 2025. Disponível em: <https://revistacenarium.com.br/violencia-verbal-atinge-9-em-cada-10-estudantes-lgbtqiapn-nas-escolas/>. Acesso em: 19 jul. 2025.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **Linguística Queer**. Recife-PE: Pipa Comunicação, 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11º. ed. Campinas: Autores Associados, 1991.

SILVA, Rodrigo dos Santos Dantas da; DALLAPICULA, Catarina. **Revista Relações Sociais**. Espírito Santo, v. 3, n. 4, nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/reves/article/download/10395/6218/51459>. Acessado em: 28 nov. 2024.

SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Sousa. Formação de professores/as em gênero e Sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 35, n. 73, p.

287-305, jan./fev. 2019. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/er/a/KMSmJfk43rKWcRNHWHfWsfC/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

SILVA, Sinézio Gomes da. **O livro didático de Língua Portuguesa e a BNCC: construção de instrumento avaliativo**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

SCHNEIDER, Nathalie; Mangan, Patrícia Kayser Vargas. "Eu não gostaria que fizessem isso com meu filho!": questões de gênero e sexualidade no contexto escolar. **Revista Interterritórios**. Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, BRASIL, v.10 n.19 e262224. 2024. Disponível em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interritorios/article/view/262224>. Acesso em: 15 abr. 2025.

TEIXEIRA, Jeferson da Silva. **Lições de gênero e sexualidade em livro didático de Língua Portuguesa: necessidades e estranhamentos**. 2021. Monografia (Curso de Letras Português) Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia – AL, 2021. Disponível em:
<https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/8883>. Acesso em: 27 nov. 2024.

UZÊDA, André Luís Mourão. Gênero, Diversidade e Ensino de Língua Portuguesa: para além do enclausuramento dos armários curriculares. **Revista Periferia**. Educação, Cultura & Comunicação. v. 15, p. 1-25, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/78361>. Acesso em: 19 jan. 2025.